



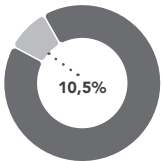


DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA

ASSINANTES ▶ R\$ 10 Nely Barbosa; **R\$ 70** José Carlos Martins Junior; Angelo Cardoso Sá; Talita de Almeida; Islany Dias Machado; Emília Ferreira Leite; Wlad Clari; Elizandra Sabino Marques; Valter Zotto; Bruna Steffany; Papel do Mato; Iata Anderson Santos; Lucelia e Sampaio; Vanderlei Teixeira Cardoso; Gabriel Chiodini Carvalho; Lucas da Rosa; Leila Kelly; Silas Correia Leite; Gabriel do Nascimento Barbosa; Denis Barbosa; Edgar Gabriel; Iara Amaral; Luke; Daniel Moraes; Silvia Schmidt; André Craveiro; Paula Zarth Padilha; Felipe Araujo; Andressa Ledur; Gustavo Henrique Nogueira Camargo; Marcus Vinicius Martins Barcelos; Márcio Abecê; Rafael Sica; Matheus Pferl; Pedro Martins Franco Junior; Felipe Anibal; Bárbara Rufino; Fernando Sikorski; Camila Florindo; Maria Fernanda S. Elias Maglio; Letícia Negretti; Camila Marchioro; Sabrina Nunes; Fernando Faísca; Lucas Fagundes; Letícia Brudeck; Theo Alves; Maximiliano Kunrath; **R\$ 80** Casa Eliseu Voronkoff; Eduardo Pereira de Souza; **R\$ 100** Simone Nunes; Rômulo Cardoso; Sandra Stroparo; Viriato Gaspar; **R\$ 105** Sandra Andréia Ferreira; Marina Martins Paiva de Vasconcelos; Maximilian Rox; Carlos Vitor M. Vieira; Bruna Lauer; Lara Berbel; Jeff Mercadante; Rinaldo Batista Pereira; Caio Victor Bulla de Carvalho; Guilherme Gontijo Flores; **R\$ 140** Rodrigo Domit; Ana Priscila; Enio Vermelho Jr.; Rafaella Lins; Cleverson Bravo; Maria Luiza Martini Anjos; Mauro Moraes; Carlos Pessoa Rosa; Dagmar Spring; Jeverson Nascimento; Fabiano Faga Pacheco; **R\$ 150** Beatriz Marques; Consolação Buzelin; Elieder Correia da Silva; **R\$ 300** Rafael Maieiro.

ANUNCIANTES ▶ R\$ 70 Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 100** Banca Tatuí; **R\$ 770** Museu do Livro Esquecido; André Giusti; **R\$ 200** Luis Felipe Mayorga; Flávio Sanso.

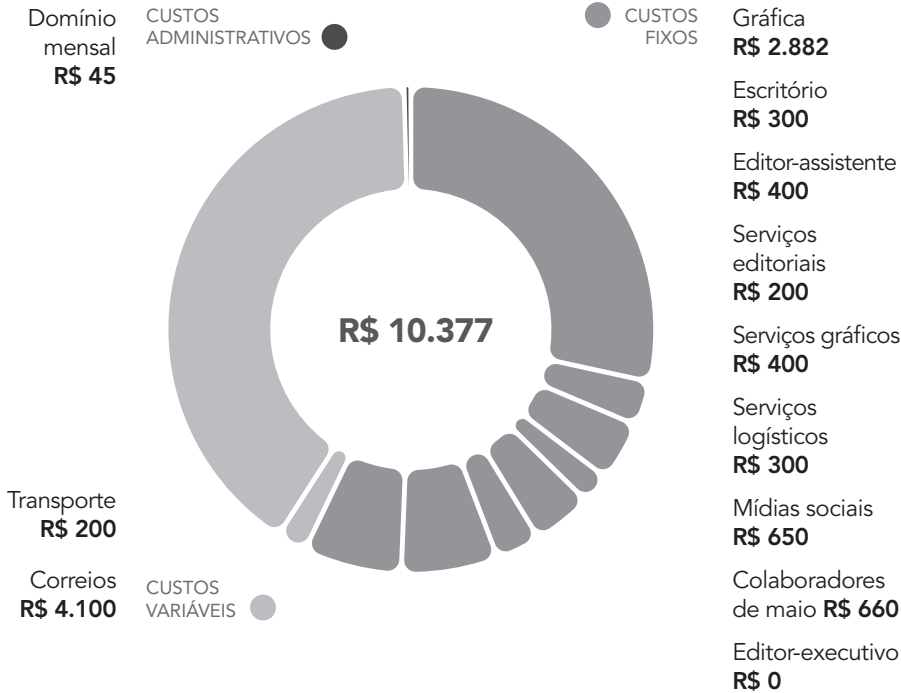


R\$ 7.200

TOTAL

CONSULTORIAS ▶ R\$ 2.000

DESPESAS DO MÊS



CHARADINHA: QUAL É A DIFERENÇA ENTRE O ZÍPER E O ELEVADOR?

- Entradas totais: **R\$ 9.970**
- Saídas totais: **R\$ 10.377**
- Resultado operacional: **-R\$ 407**



EXPEDIENTE

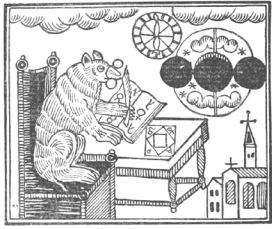
Junho 2025

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Rafael Maieiro
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: Bolívar Escobar
Advogado: Rafael Estorilio
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.500

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau

Edição finalizada em 29 de maio de 2025.



ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLICIQUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publicue.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de **Rafael Sica**. Você pode conferir mais do trabalho dele em rafaelsica.com.br.

TIPOGRAFIA

As fontes que usamos nos títulos desta edição são as oferecidas gratuitamente pelo tipógrafo indiano Rajesh Rajput.



CARTAS

NEM TODO AMOR VIRA ASSINATURA

Maria Alice • Olá. Não me interessa assinar, gostaria de saber se posso postar poesias lá.

POR AÍ

Pedro Franco • Li o Jornal numa cafeteria e adorei. Adorei o formato, a crônica. Sensacional. Muito obrigado.

Célio Borba • Olá, muito interessante o artigo sobre Franz Kafka na edição de maio. Nas entrelinhas do texto, muito esclarecedor e inspirador. Leio o **Relevô** na Biblioteca Pública do Paraná, onde há exemplares disponíveis no hall de entrada.

Iata D’Gerais • Gente. A edição de maio é de tatuar na barriga do braço, para ler todo dia. Hilda Hilst por Ana Elisa tá um trem maravilhoso e apitante. Eu não sei como cheguei no **Relevô** ou como vocês vieram. De qualquer modo, serão sempre Relevantes pra mim.

AH, JORNAL...

Bruno Greggio • Prezados e prezadas. Antes de mais nada, escrevo para parabenizá-los pelo Jornal, tanto pela sua permanência quanto por sua qualidade editorial e insistência no formato impresso. A razão deste contato, que não pude fazer antes, diz respeito a uma “pílula de sabedoria”, publicada na página 13 da edição de maio de 2025, que saiu creditada a mim, no canto inferior direito da página, e que começa com o texto “Se você precisa muito do seu emprego e tem que fingir que gosta de trabalhar, chegando cedo...”. Apesar de ter gostado da engenhosidade do texto, sinto-me na obrigação de informar que não sou seu autor, nem a enviei por meio do formulário de envios disponibilizado (embora tenha enviado outros textos). Informo-o apenas para que seu verdadeiro autor não se ressinta da atribuição que possa ter-lhe tirado o crédito pela inventividade. Com votos de muitos novos números da publicação, despeço-me. Atenciosamente.

Da redação: tal pílula, originalmente de autoria de um leitor chamado Ródney, de Belo Horizonte, saiu com o nome trocado. Deslize da diagramação.

LEITURAS E TRADUÇÕES

Henri H.Q. • Demian Gonçalves Silva: foi a primeira vez que li esse nome, e fiquei intrigado: será que ele está no meio da tradução da grande obra de H.L. Mencken? Porque “Libido para o feio” foi o texto do **Relevô** que preencheu a minha cota de uma única boa leitura pagando pelo jornal todo. Também porque numa rápida pesquisa descobri que Mencken tem pouquíssimos livros publicados no Brasil: uma coleção de frases, e um diário. Mais um ponto pro **Relevô**. Quem sabe aqui está a minha chance de traduzir um livro sem dominar o idioma de saída — como a Clarice famosa e, que diabos!, a I.A. está aí pra nos servir, e não nós a ela. Mas tudo isso vai depender da resposta do Demian: Você está ou não está traduzindo *Prejudices*, do Mencken?

Demian Gonçalves Silva • Bom dia, pessoal! Cheguei a traduzir, muitos anos atrás, o livro *Damn! A book of calumny* e tentei publicá-lo por uma micro-editora que realizava crowdfunding, mas o projeto não foi adiante. Saiu uma pequena seleção nesta revista, que pelo visto não existe mais: (n.t.) Revista Nota do Tradutor 17º: (n.t.): Free Download, Borrow, and Streaming: Internet Archive. Pretendo lançar algumas coisas por conta própria na Amazon quando Mencken entrar em domínio público no Brasil. Tendo em vista justamente essa lacuna no nosso mercado editorial, às vezes me ocorre o plano megalomaniaco de traduzir em ordem cronológica as principais obras, inclusive da série *Prejudices*, e publicá-las por conta própria. Algo nesse sentido eu devo tentar, mas não sei até onde consigo ir. Fico feliz em saber que o Henri gostou da tradução. Abraços!

Gilmar Júnior • Boa noite, Jornal, tudo bem? Fiquei emocionado hoje por mais uma vez receber o exemplar do referido impresso! Eu que não tenho o hábito de receber nada do Correios, fiquei feliz. Não sei quantos obrigados serão necessários para te recompensar! Certamente muitos! A edição de maio está linda! Vou ler tudo! Vai sempre está em minhas mãos! Atenciosamente.

ON THE ROAD

Ramon Santos • Gostaria muito de receber um exemplar do Jornal, mas no momento estou morando literalmente em uma mochila, o que me faz não possuir um endereço. De qualquer modo, agradeço o retorno.

Shara Lopes • O Jornal está chegando direitinho sim. É um prazer ler o jornal. O resultado final fica sempre muito bonito. Parabéns!

Talita de Almeida • Oi, Jornal! Tudo bem? Olha como são as sincronias da vida... sobre o email convidando pra retornar a assinar, de fato, fui assinante e deixei de ser quando saí de Curitiba, principalmente porque achei que seria um prejuízo pra vocês enviarem minha correspondência pra Manaus! Rsrs Mas, para minha surpresa, esses dias estive num café lá e o que encontro? O **Relevô**! Chegou a dar um quentinho no coração! Inclusive peguei minha cópia e viajei pra Curitiba, onde estou agora, com ele nas mãos durante a viagem. Observei, aliás, que é interessante a reação que o papel-jornal causa nas crianças, ficam olhando curiosas sem reconhecer exatamente do que se trata aquela cena, alguém sentado com um papel nas mãos. Então, se não for um tiro no pé, me passa o valor da anuidade e a conta por gentileza. Eu gosto bastante do Jornal, vou ficar feliz em voltar a receber ele em casa. Aproveito ainda pra dizer que, se precisar de alguém pra distribuir por lá, pode contar com minha ajuda. 😊 Abraço!

Maria Teresa Fornaciari • Olá, boa noite. Já sou assinante e a “Teoria do Papel Vivo” chegou até mim como um bálsamo. Vida longa ao Jornal e às cabeças pensantes que comandam a engrenagem do que segue no papel, a criatividade, a reflexão, a sensibilidade. Andá

com fé eu vou / Que a fé não costuma faíá! Aliás, eu fui uma das privilegiadas autoras a contar com a Leitura Crítica feita por Daniel Zanella para meu romance recém-terminado. Primor de análise e de inspiração para que a história continue caminhando e alce voos de gaivota. **Relevô** tem sempre dessas coisas, às vezes é difícil mapear as idiosincrasias! Avante e arriba! Fã de vocês! Grande abraço.

Denis Barbosa • Passei muito aperto essa temporada, mas tudo envolvendo filosofia e cultura de qualidade. Me interesse em apoiar o projeto de vocês, me martelou por muito tempo, é uma necessidade assinar 😊

Deanna Barbosa • Obrigada! Parabéns pelo trabalho! Linda capa, ilustrações incríveis. Já quero mergulhar na leitura.

Jack Moretto Bezerra • Olá! Ainda recebo o Jornal — que, como sempre, é incrível — e gostaria de retomar até quando vai minha assinatura e quando devo renová-la, para apoiar este projeto que tanto amo. É isso, muito obrigado :)

Pedro Henrique de Oliveira • Prezado senhor Jornal, a edição do mês passado (abril) estava fantástica, linda, maravilhosa, entre as minhas favoritas. Cada página tinha um desenhinho no canto superior direito ou esquerdo. Qual é a lógica que foi usada? Ou não teve lógica senão a do senso estético?

Da redação: hehehe...

Edmar Guirra • Eu lamento por mim gostar tanto do jornal &d 🍷 :))) Bons ventos, editorxs!

Renan Freitas • Só dando um feedback: a situação tá difícil, mas tô juntando um dinheirinho para assinar o Jornal. Construir uma casa tá difícil, mas logo terei meus dois cômodos e um banheiro, para sentar e ler o jornal.

Ricardo da Paz • Olá, editor. Desculpa a intromissão, mas, apesar das tragédias acontecidas, não me lembro ter lido um e-mail tão bem escrito, envolvente. Está até perdoado e não precisa mais responder meu e-mail. Bons ventos ao jornal e ao seu joelho. Atenciosamente.

Vera Siqueira • Olá, boa tarde. Recebi o exemplar do Jornal que gentilmente me enviaram. Gostei de algumas matérias, de outras nem tanto. Vocês colocaram nesta newsletter um trecho do Bernanos. Legal! Sou tradutora de francês e revisora frila, além de escrever. Então, se precisar de tradução ou revisão voluntária de textos, pode me chamar. Obrigada e boa sorte a todos.

Maria Tereza Aoki • Olá, Jornal! Sou fundadora da Maitê Livros. A nossa livreria é um ponto de distribuição do **Relevô** em Curitiba. Lendo a última newsletter, senti vontade de escrever e contar que compreendo muitíssimo o que é gestar um “negócio” e viver sempre às margens. Faz um tempo que eu gostaria de

conseguir bancar um anúncio no jornal, mas no momento não estou conseguindo fazer esse investimento. A frase “A verdade é que ser independente é isso: um eterno revezamento entre o romântico e o patético” define muito minha trajetória montando a livreria. Desejo que você consiga se recuperar, e fique melhor com o seu joelho. Sempre que posso estamos divulgando o **Relevô**. Abraço!

Leonardo Alves • Prezados. Boa noite. Li recentemente seu texto “Cosmobol” (edição de maio/2024) e me diverti muito, então, antes de mais nada, queria agradecer a experiência. Ao ver o título e ler as primeiras linhas, na hora me veio a associação com um texto da antiga *Mad Magazine* (a versão americana) que por acaso eu tinha lido alguns meses antes: “43-Man Squamish” (# 95, junho de 1965). À semelhança do seu texto, esse da *Mad* também apresentava um esporte fictício absurdo e começava justificando a decisão com críticas irônicas aos esportes mais populares do país (no caso, futebol americano e basquete). Mas as semelhanças param aí: enquanto o seu texto desata a falar de praticamente tudo em torno do “cosmobol” e mal dá detalhes do esporte em si, o “43-Man Squamish” fala exclusivamente das regras, dos equipamentos e das variações do tal esporte. Por acaso vocês já conheciam esse texto? Houve alguma inspiração direta, ou foi só uma coincidência de tema e espírito? A propósito, meu nome é Leonardo Alves, sou tradutor literário e pesquisador, atualmente cursando mestrado em Estudos da Linguagem na PUC-Rio. Pretendo usar seu texto e o texto da *Mad* como tema de ensaio final para uma das disciplinas e gostaria de perguntar se vocês autorizariam a inclusão na íntegra do “Cosmobol” nos anexos do trabalho. Não sei se vou ter oportunidade de publicar esse trabalho numa revista acadêmica depois, mas seria legal poder incluir os objetos de análise, tanto pelo valor científico quanto pela apreciação e difusão das obras. De todo modo, é claro que nenhuma potencial publicação será com fins lucrativos. Esses periódicos acadêmicos só pagam na moeda a “Linha no Lattes”... Mais uma vez agradeço pela escrita do texto e agora também pela atenção. Um abraço!

Da redação: Que alegria receber sua mensagem — obrigado por compartilhar sua leitura e por fazer essa ponte entre “Cosmobol” e a *Mad Magazine*. A referência ao “43-Man Squamish” é sensacional. Pode usar o texto sem problema algum — na verdade, a gente incentiva fortemente. Fique à vontade para incluir o “Cosmobol” na íntegra nos anexos do seu trabalho, e será um prazer vê-lo virar linha no Lattes, se for o caso. Sobre influências: não houve, ao menos conscientemente, inspiração direta na *Mad*. O que o Mateus Ribeiro, editor-assistente, comentou — e eu assino embaixo — é que tentamos mesmo um tom meio Pynchon: paranoico, labiríntico, tragicômico. Talvez nem estivéssemos lendo ele na época, mas foi ele quem apareceu. Nos avise quando o ensaio estiver pronto. Vamos adorar ler.



Às margens de um jornal

O **RELEVO** SEMPRE HABITOU AS MARGENS. As margens do contemporâneo, do mercado editorial, da lógica empresarial, do tempo cronometrado, as margens da linguagem — onde o experimental, o insuspeito, o inacabado e o humorístico encontram abrigo. Não é por acaso que muitos dos textos que publicamos se recusam ao centro estabelecido e somos uma das principais casas para autores nunca-dantes-publicados. Em meio a envelopes encharcados, mensagens cobrando devolutivas, elogios desajeitados, críticas criativas (“seleção de escrotérios”, alguém já disse sobre os critérios do que escolhemos publicar), seguimos tentando entender o que é fazer um jornal literário impresso no Brasil em 2025. Com seus encantos, tropeços e descompassos.

Manter um projeto independente de literatura é viver nas bordas do viável. Não temos estrutura robusta, nem departamentos autônomos. Cada função, da curadoria à entrega, da edição à contabilidade, é feita com pouco RH. Assim, cada falha se transforma, inevitavelmente, em culpa, em revisão, em mais uma camada de cansaço [depois de 15 anos e aproximadamente 6 mil assinantes, entre aqueles que chegaram,

ficaram e saíram, chegamos no Reclame Aqui, com pedido de estorno e reclamação do nosso uso da crase]. Mas seguimos, porque entendemos que esse tipo de lombada também apresenta um tipo de presença: o relevo (com minúscula e com maiúscula) do que fazemos. O atrito com uma pequena margem de leitores, os ruídos de comunicação, os desafios logísticos — tudo isso compõe a matéria real de um projeto artesanal. Há algo de profundamente humano em não operar com perfeição.

Manter um jornal de literatura em circulação exige mais do que escrever, editar ou diagramar. Exige disposição para sustentar relações — com a equipe, com os textos, com os colaboradores, com os assinantes, com o próprio tempo. A publicação não termina no fechamento da edição, mas se prolonga nos envelopes enviados, nas mensagens trocadas, nas cobranças que nos fazem olhar para dentro e ajustar o passo. Se tropeçamos, é porque estamos caminhando.

Por isso, mais do que entregar um produto, buscamos entregar um gesto. Um jornal que chega pelo correio, mesmo com suas margens às vezes amassadas, é também um convite: a desacelerar, a ler com atenção, a habitar

o espaço entre linhas e silêncios. É um lembrete de que ainda é possível construir algo fora do algoritmo, da fluidez absoluta, do ruído constante. E se, por vezes, falhamos na crase, no prazo ou na costura das páginas, pedimos: permaneça. As margens, afinal, são as beiras de onde se avista o que o centro esqueceu. Nas margens se escrevem os comentários mais sinceros, os bilhetes esquecidos, os ensaios de algo novo.

É por isso que insistimos em existir fisicamente. Porque o jornal, em papel, fora do algoritmo, é também um atestado de presença. Uma maneira de dizer: estamos aqui. Em nossa imperfeição de tinta, ainda acreditamos em laços que se constroem com demora, com papel, com paciência. Nas margens se escrevem os comentários que escapam do texto principal. Onde nascem as perguntas que ainda não têm resposta. E por tudo isso, a quem nos lê, a quem nos escreve, a quem nos cobra ou nos defende: nosso obrigado. Por circular conosco à margem. Por entender que, em um tempo de sobreposição de ruídos, a existência de um jornal como o **Relevo** é, acima de tudo, um ato de confiança.

Uma boa leitura a todos. ®

Tudo começou com a plantação de florestas de eucalipto, uma árvore que não é nativa do Brasil. Mesmo que sejam gerenciadas de forma correta; no mínimo, no mínimo, ocorre a redução da biodiversidade local nessa floresta artificial. Bom, vocês terão seu papel a qualquer custo, então que seja extraído de uma floresta plantada ao invés de mata nativa, certo? Se for uma floresta gerenciada precariamente ou com técnicas incorretas, além de esvaziar o lençol freático e as nascentes, todo esse eucalipto ressecará a terra, provocará erosão e empobrecerá o solo, além de assorear cursos d'água. Mas enfim, sejamos otimistas e acreditemos que esse eucalipto foi produzido da melhor maneira possível. Então chegou o dia em que ocorreu a extração de madeira (com muitas máquinas movidas a combustíveis fósseis), madeira que foi descascada, picada e então cozida em uma sopa de água com agentes químicos, resultando em uma polpa. Essa polpa foi lavada para extrair as impurezas, ficou em repouso e depois foi branqueada para tornar a celulose mais pura. Depois a polpa foi espalhada e transformada em uma grande folha, prensada para remover a água através de ação mecânica. Em seguida, mais água foi removida por evaporação (secagem). A partir daí a folha foi enrolada, cortada, empacotada e transportada por numerosos caminhões e navios (movidos a combustível fóssil) até as fábricas que produziram cada gramatura conforme as necessidades de cada comprador, a exemplo da distribuidora de papel que abasteceu a gráfica que produziu o jornal Relevo que acaba de chegar em suas mãos. Muitos gases causadores de efeito estufa foram queimados para que você pudesse ler essas verdades dolorosas. E o jornal as publica, sem medo da verdade, porque você faz xixi e cocô em água potável e é muito pior. Não ouse julgar um jornal que assassina árvores, seu poluidor de água potável. Não. Não ouse. Sh. Não. Quietos aí.

café com Tarta ruga



@escritoriomayorga



BONS VENTOS trazem BOAS LEITURAS



EDITORAMONINHOS.COM.BR

@EDITORAMONINHOS



APOIADORES



FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos



MARLON REIS & ESTORILIO
ADVOCACIA



@alienigenadaamazonia

Rua Lima Bacuri, Nº 64-c, Centro, Manaus - AM



Banca Tatui

www.bancatatui.com.br
Desenho por Ângela León

São Paulo / SP



Rafael Maiero

Era para ser um grito, mas é apenas uma nota

Este espaço só faz sentido se for feito em interação com o leitor. Até o momento, no meu mandato como ombudsman, não consegui iniciar um diálogo com o leitor do **RelevO**. Acredito que isso se deva a dois motivos essenciais, que listo a seguir:

1. A falta de tradição do cargo de ombudsman no Brasil.

“Ombudsman é uma palavra sueca que significa representante do cidadão. Designa, nos países escandinavos, o ouvidor-geral, função pública criada para canalizar problemas e reclamações da população. Na imprensa, o termo é utilizado para denominar o representante dos leitores dentro de um jornal.” (O que é o cargo de ombudsman? Folha de S. Paulo, 2014)

2. A falta de clareza sobre qual canal deve ser utilizado para essa interação (leitor/ouvidor).

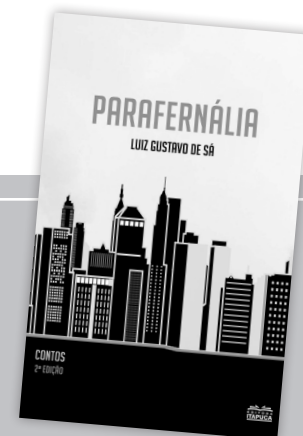
Por isso, nobilíssimo leitor, vamos conversar sobre os pontos negativos e positivos do Jornal?

Envie e-mails para:

contato@jornalrelevo.com
Assunto: Ouvidoria

E mande ver! Vaías e xingamentos são bem-vindos.

Até lá!



Relançado pela editora Itapuca, o livro de contos **Parafernália**, de Luiz Gustavo de Sá, chega à sua segunda edição. A partir de encontros inesperados e solidões mal resolvidas, os contos de **Parafernália** nos colocam diante de personagens demasiadamente humanos, flagrados em momentos de perplexidade e inquietude, quando o cotidiano parece assumir, repentinamente, outra dimensão. A galeria de tipos apresentados é variada: o homem perseguido por um candidato político; a professora viciada em sapatos; o guia de uma atração turística desinteressante; o corredor de rua entediado; a vendedora dançante. Às vezes divertidas, outras vezes líricas, as histórias que compõem a obra, com frequência, nos convidam a refletir sobre como enxergamos o comportamento do outro, nem sempre coerente para nós à primeira vista.

Parafernália (2a Edição)

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 39,90

118 p., Itapuca, 2025

editoraitapuca.com.br/pd-9787e7-parafernalia-2a-edicao

Editora
LitteraLux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de **1.700** títulos
publicados desde 2012



 @EditoraLitteraLux  /litteraluxeditora  @editoralitteralux  litteralux@editoralitteralux.com.br

Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br



TANGERINA

Gosta? Se sim:
www.jornalrelevo.com



Igor Shimabukuro

O HOMEM QUE ROÍA AS UNHAS

— Eu ganhei! Eu ganhei! — Toda quinta-feira era a mesma coisa. José acordava às 5h e corria para o quintal onde comemorava com gritos e fogos de artifício o seu suposto bilhete premiado.

— Dessa vez é sério, eu ganhei!

Em seguida, ele voltava para a casa, pegava o bilhete de dentro do cofre e, com o auxílio de uma chave, ia raspando os números e conferindo com o sorteio, depois entrava em prantos, dizia ter sido roubado, ameaçava contra a sua própria vida, rasgava o bilhete em mil partes e prometia que nunca mais jogaria na loteria.

Na sexta-feira, o rapaz voltava feliz da lotérica com um bilhete em mãos e com fogos de artifício debaixo do braço afirmando que havia comprado um bilhete premiado e que estaria milionário no sorteio de domingo.

O sábado se passava em silêncio, ao menos para os vizinhos. Já para José, era barulhento, a ansiedade não o deixava dormir, roía as unhas das mãos até sair sangue ou até acabar as unhas, nem as dos pés se salvavam, eram arrancadas pelos dedos das mãos de tanto cutucá-las. No dia seguinte, acontecia tudo de novo.

— Eu ganhei! Eu ganhei! Dessa vez é sério, eu ganhei! — E era assim todas as semanas.

Era sexta-feira e José voltava da lotérica com seu bilhete na carteira e com os fogos de artifício debaixo do braço.

— Sr. Lima. — Dois homens o pararam perto de sua casa. — Será que o senhor poderia nos acompanhar?

Não deram muito tempo para a resposta, cada um agarrou um dos braços de José e o levaram para o carro.

— O que é isso? Deve haver algum engano.

— Só queremos fazer algumas perguntas, depois veremos se é um engano ou não.

— Sr. Lima, nós recebemos diversas denúncias sobre o seu comportamento em horários inapropri-

dos. — Começou explicando o homem que sentava no banco do passageiro enquanto o outro dirigia. — Tentamos contato com os seus familiares, mas parece que você não é muito chegado deles não é?

O homem esperou uma resposta que não veio antes de continuar.

— Bom, estamos te encaminhando para um laudo médico com hospital psiquiátrico. Se tudo ocorrer bem até de tarde, você deve estar em casa.

José sabia o que estava acontecendo, aqueles dois estavam atrás do seu bilhete premiado. Sem querer dar chance ao erro, pegou o seu bilhete na carteira, dobrou até ficar em um quadrado do tamanho de uma moeda e enfiou no fundo da garganta para conseguir engolir. Se quisessem aquele bilhete hoje, teriam que o abrir.

Para a surpresa de José e para zero surpresa dos seus vizinhos, José não foi liberado para voltar para casa depois da consulta, seria mantido na instituição para uma nova avaliação em 90 dias. Ele chorou, esperneou, gritou, mas isso só piorou a situação, fora jogado na sala

branca. Era um quarto de 6 m² com as paredes acolchoadas e sem nenhum objeto que permitisse o paciente se machucar. A única coisa que restou para José fazer foi roer as poucas unhas que lhe restavam.

Já no sábado, ele foi acordado às seis horas e encaminhado até o refeitório. Seu café da manhã consistia em um café morno servido em um copo de isopor, um pão com manteiga que já vinha cortado em pedaços pequenos e um mamão que também já vinha cortado em pequenos pedaços.

— José, está na hora do seu banho. — Disse um enfermeiro que se aproximou acompanhado de um colega.

— Eu ainda não terminei o meu café.

— Bom, deveria ter comido mais rápido.

Os dois o arrastaram até o banheiro. Com pancadas na cabeça ao sinal de qualquer resistência, conseguiram tirar a sua roupa e o jogaram para baixo do chuveiro. Mas não foi do chuveiro que veio a água, ligaram a mangueira e miraram a água fria direto em sua cara, que se contorcia e tremia no chão.

O louco da loteria, como ficou conhecido, foi levado direto para o quarto, dessa vez não apenas colocaram-no na cama, como também o amarraram nela para receber sua medicação.

— Bom dia Sr. Lima. — Disse a enfermeira enquanto preparava a injeção.

— Apenas relaxe. Esse medicamento vai fazer você dormir um pouco e acalmar os ânimos por aqui.

— Espere! — José tentava se mexer o máximo que podia, mas, amarrado do jeito que estava, ele mal conseguia levantar os dedos. — Eu tenho um bilhete premiado!

Se você me ajudar a sair daqui, eu divido o prêmio com você.





— É claro que tem, Sr. Lima. — Respondeu a enfermeira enquanto enfiava a agulha em seu braço.

José acordou na hora do almoço. Ainda meio grogue, voltou ao refeitório. Dessa vez conseguiu sentar com outros pacientes que também estavam internados. De um lado, uma mulher usava o molho de tomate para fazer pinturas em seu prato, do outro lado, um homem repetia fala por fala o filme inteiro do Forrest Gump. Na sua frente, um rapaz conversava com o seu copo enquanto devorava o seu almoço. José achava cruel que nenhum deles oferecia qualquer risco para a sociedade e todos eram tratados da mesma forma que ele havia sido até então. Decidiu que, quando ganhasse na loteria, iria comprar aquele local e todos teriam uma vida digna.

À tarde, foram levados até o jardim para o banho de sol. José ficou sentado debaixo de uma árvore enquanto roía as unhas e nem viu quando a mulher que almoçou em sua mesa se aproximou.

— Será que você poderia ficar parado por alguns minutos enquanto eu desenho você?

— Posso tentar.

A mulher deu alguns passos para trás e se agachou, mexendo os dedos como se eles fossem pinças, então começou a desenhar com tinta invisível no chão. Qualquer movimento que José fazia era logo interrompido com gritos para ele parar. Ele ficou até aliviado quando o sino do hospital tocou dando um fim ao banho de sol.

O jantar era servido às 18h e, meia hora depois, todos já estavam em seus quartos. Uma outra enfermeira foi até o quarto branco e encontrou José já imobilizado na cama, dessa vez ele não tentou negociar, dialogar e nem se mexer. As únicas coisas que se moviam eram as lágrimas que seus olhos derrubavam no travesseiro. A seringa veio. Ele apagou.

Era domingo e José já estava acordado quando os enfermeiros chegaram. Dessa vez ele não precisou ser levado, prontamente se levantou e seguiu-os até o refeitório. A televisão estava no mudo, mas passava o sorteio da loteria. José começou a repetir os números para si mesmo

para não esquecer: 01-14-45-47-50-52.

Era hora do banho, José se levantou antes dos enfermeiros chegarem e os acompanhou até o banheiro.

— Ao menos esse aprendeu rápido. Continue assim que não teremos mais problemas.

— Quem sabe hoje à noite você já não dorme em um quarto com janela. — Completou o outro enfermeiro.

— Preciso ir ao banheiro. — José pediu enquanto repetia os números na cabeça.

— Como é?

— Preciso ir ao banheiro. — Repetiu José. Os enfermeiros se olharam e reviraram os olhos.

— Você tem dez minutos.

A coisa foi rápida, José baixou as calças e cagou dentro do lixo e de lá retirou o bilhete que ele havia engolido no dia em que foi internado. Com o bilhete cheio de fezes em mãos, tentou usar as unhas para raspar os números, mas o tanto que as roeu nos últimos dias o deixou sem unhas, olhou para os lados, nenhum objeto tinha ponta, até o rolo do papel higiênico era removido antes de colocarem a disposição dos pacientes.

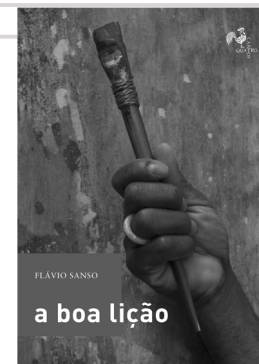
José estava tão acostumado a roer as unhas que agora roía o papel recém-defecado, a mistura de raspadinha com merda entrava em seus dentes enquanto ele revelava os números um a um. O primeiro número foi o um depois o quatorze, na hora que apareceu o quarenta e cinco, José com os dentes cheio de cocô, já sorria de orelha a orelha.

— Louco da loteria? Ainda não acabou?! Você tem mais dois minutos.

— Já estou acabando. — Respondeu José, quase rindo de tamanha felicidade ao ver que o quarto número foi o quarenta e sete.

O cinquenta apareceu, José ria em voz alta. Os enfermeiros começaram a andar em direção à cabine, ao sentirem o cheiro de merda, eles ficaram putos e correram para abrir a porta.

José estava com a boca toda suja de fezes, seus dentes estavam marrons com pequenos pontos brilhantes da raspadinha. Ele chorava enquanto esperava para ser espancado. O último número... Sessenta.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil

tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



ARUBA

Já foi lá?

www.jornalrelevo.com



Vittoria Colonna e Gaspara Stampa

Tradução de Camila Marchioro



Renascimento italiano, palco de efervescente produção artística e intelectual, legou à posteridade Vittoria Colonna (1492–1547) e Gaspara Stampa (1523–1554), cujas obras iluminam facetas complementares da experiência humana em um período de profundas transformações. Vittoria Colonna notabilizou-se por uma produção poética marcada pela elevação espiritual e pela introspecção. Sua trajetória pessoal infundiu em seus versos uma solenidade melancólica e uma busca constante pela transcendência. Seus *Sonetti spirituali* representam um mergulho na esfera da fé, explorando a relação da alma com o divino em uma linguagem depurada e contemplativa. Contudo, sua pena também se dedicou à memória do marido, conferindo aos seus poemas de amor uma idealização que transcende a mera expressão da saudade.

Já a lírica de Gaspara Stampa revela uma intensidade passional que a singulariza no panorama poético renascentista. Sua poesia, reunida por sua irmã na coletânea *Rime*, expõe com autenticidade os anseios, as efusões e as mágoas do coração em uma época de convenções frequentemente restritivas. A formação musical da autora manifesta-se na sonoridade e no ritmo de seus poemas, que, embora dialoguem com a tradição petrarquiniana, distinguem-se por uma veemência e uma sinceridade que a distanciam da mera imitação.

Vittoria Colonna e Gaspara Stampa compartilham a condição de serem vozes proeminentes em um período crucial da história cultural europeia. Suas obras enriquecem a compreensão da complexidade da experiência humana no Renascimento, oferecendo perspectivas singulares sobre o amor, a fé e a própria identidade da mulher poeta em um mundo em transformação.

Vittoria Colonna

Quando a Morte entre nós desatou o nó

Quando a morte desatou nosso nó
que antes unira o Céu, Vida e Paixão,
lançou algo aos olhos, comida ao coração
e a alma amiudou-se forte feito pó.

Este laço belo eu preso e louvo
do qual só nasce eterna glória e amor
não pode o fruto apodrecer, murchar a flor
do belo jardim que chorando movo.

Seca pele do corpo a alma fecunda
seu valor aqui com meu nome unido
me fazem mãe de sua clara prole

a qual vive imortal, e eu pela onda
do choro vou, porque no Céu subido
a vitória vence a dor, sol ele é.

Como o calor do grande planeta

Como o calor do grande planeta ardente
dissolve o gelo ao ver o Bóreas conturbado
as nuvens fogem, assim, o Sol é amado
e o pensamento vil ao peito não consente.

Como senhora de sua morada, a mente
expulsa o traidor, e assim, então liberta
as vãs preocupações fogem de repente
da minha alma que pelo lume é libada.

Ora, se assim é na Terra, por conseguinte,
que será quando cair grave mortal véu
e tanto esplendor se não mais me apresente?

Temo só que contemplando os raios seus
veja que nenhuma maior luz no céu
conheço e nem outro ardor aqui me acende.

Quando Morte fra noi diciolse il nodo

Quando Morte fra noi diciolse il nodo
che primo avinse il Ciel, Natura e Amore,
tolse agli occhi l'obietto e 'l cibo al core;
l'alme ristinse in più congiunto modo.

Quest'è 'l legame bel ch'io prezo e lodo,
dal qual sol nasce eterna gloria e onore;
non può il frutto marcir, né langue il fiore
del bel giardino ov'io piangendo godo.

Sterili i corpi fur, l'alme feconde;
il suo valor qui col mio nome unito
mi fan pur madre di sua chiara prole,

la qual vive immortal, ed io ne l'onde
del pianto son, perch'ei nel Ciel salito,
vinse il duol la vittoria ed egli il sole.

Come il calor del gran pianeta ardente

Come il calor del gran pianeta ardente
dissolve il ghiaccio, o ver borea turbato
fuga le nubi, così il Sole amato
niun basso pensier nel cor consente.

Vien donno nel suo albergo e la mia mente
di suo' nimici sgombra, ond'è illustrato
mio spirto alor dal suo lume beato;
l'altre cure men degne ha in tutto spente.

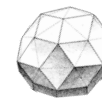
Or, se ciò è in terra, che fia dunque poi
che sarà tolto il grave mortal velo,
sì che tanto splendor non mi contende?

Temo sol che sì lieta i raggi suoi
vedrò ch'altro maggior lume nel Cielo
non mi fia noto, n'altro ardor m'accende.

**você tem
um livro de poesia?**

**nós temos
seus leitores**

envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal *Fazia Poesia*



Gaspara Stampa

Noite de amor

Ó noite, a mim mais clara e mais beata
que os mais beatos dias e mais claros
noite digna dos primeiros mais raros
gênios, de ser não só por mim louvada;

tu, das minhas alegrias morada
fiel ministra que todos os amargos
da vida fizeste-os doces e caros
e devolveu-me a quem sou ligada.

Só faltou o que não me tornei ainda,
a ditosa Alcmena a quem custou muito,
mais que o habitual, a volta à aurora.

Bem eu sei que jamais poderei tanto
bem-dizer de ti, noite acolhedora
pois tua matéria é maior que meu canto.

Oito dias se foram, para mim um ano

Devolva meu coração, ímpio tirano,
que com injustiça o machuca e destrói,
a ele e a mim você mesmo corrói
como os tigres e leões as renas comem.

Oito dias se foram, para mim um ano,
desde que não recebi mais suas mensagens,
contrariando o que me prometeu bem
Ó fonte de valor, conde, e de engano.

Você acha que sou Hércules ou Sansão
para poder suportar assim tanto dano,
jovem, mulher, fora de toda a razão,

principalmente sem o meu coração
e sem você por aqui me amparando
de onde receberei força e emoção?

civ *Noite d'amore.*

*O notte, a me piú chiara e piú beata
che i piú beati giorni ed i piú chiari,
notte degna da' primi e da' piú rari
ingegni esser, non pur da me, lodata;*

*tu de le gioie mie sola sei stata
fida ministra; tu tutti gli amari
de la mia vita hai fatto dolci e cari,
resomi in braccio lui che m'ha legata.*

*Sol mi mancò che non divenni allora
la fortunata Alcmena, a cui sté tanto
piú de l'usato a ritornar l'aurora.*

*Pur cosí bene io non potrò mai tanto
dir di te, notte candida, ch'ancora
da la materia non sia vinto il canto.*

CXLII *Son passati otto giorni, a me un anno...*

*Rimandatemi il cor, empio tiranno,
ch'a sí gran torto avete ed istraziате,
e di lui e di me quel proprio fate,
che le tigri e i leon di cerva fanno.*

*Son passati otto giorni, a me un anno,
ch'io non ho vostre lettere od imbasciate,
contra le fê che voi m'avete date,
o fonte di valor, conte, e d'inganno.*

*Credete ch'io sia Ercol o Sansone
a poter sostener tanto dolore,
giovane e donna e fuor d'ogni ragione,*

*massime essendo qui senza 'l mio core
e senza voi a mia difensione,
onde mi suol venir forza e vigore?*

Pensa que é porque estarei morta

Meu coração iria contigo,
em tua partida, senhor,
se ele ainda estivesse comigo
já que pelos teus olhos o Amor me roubou.
Por isso, irão contigo meus suspiros,
que é só o que me restou,
companheiros fiéis e gratos,
e também as vozes e os gemidos:
e se me vires faltar à tua escolta,
pensa que é porque estarei morta.

CCXXVIII *Pensa ch'io sarò morta*

*Il cor verrebbe teco,
nel tuo partir, signore,
s'egli fosse piú meco,
poi che con gli occhi tuoi mi prese Amore.
Dunque verranno teco i sospir miei,
che sol mi son restati
fidi compagni e grati,
e le voci e gli omei;
e, se vedi mancarti la lor scorta,
pensa ch'io sarò morta.*



SABONETE

Qual sua opinião?
www.jornalrelevo.com



Fabício José Moreira Pinheiro

No grupinho suspeito a qual eu pertencia, Almeida & Fiúza eram dois amigos de longa data, que andavam por aí acreditando que eram grandes figurões da cidade e que confundiam seu TDAH com rompantes de genialidade. Eram a versão dos quase quarentões de uma turma que passou a dominar os botecos pé-sujo para quais eu tentava fugir, disseminar sarasus por todos os cantos e nos horários mais inconvenientes, regados a vinho barato por pura questão estética, não deficiência monetária; liam autores malditos para quais faziam cara de nojo quando ninguém estava vendo; eram multifacetados, iam de DJ às cordas para sopro em questões de perfil-da-plateia-assistindo e ainda tinham um fetiche danado em opinar.

Marcamos de nos encontrar no Bar do Horto, afinal, sempre estávamos por ali tentando resolver nossas vidas durante tardes breadíssimas; os dois queriam falar sobre a nova ideia que haviam tido. Eu me encontrava mais uma vez desempregado, os meios econômicos prestes a um desastre, com a diferença que eu já havia aprendido as manhas de fingir o desespero e não cair na tentação de me meter com agiotagem e, claro, os benefícios incomparáveis da ida ao boteco. A única coisa que resiste em qualquer instância é a solidão, eu estava precisando conversar, nada com teor freudiano, apenas o simples hábito de praticar o esporte, de participar da sacanagem — mesmo que fosse escutar Almeida & Fiúza salivarem contando de sua nova empreitada cultural experimental —, então aceitei o convite. Ao menos não teria que aguentar tudo sozinho, Elza e Dinis também haviam sido chamados.

Tenho uma fraqueza incorrigível em desistir. Em desacreditar também. Na maioria das enracadas em que me proponho entrar — assim, dessa forma, pela simples falta de algo melhor do que fazer ou pelo tédio —, chega uma hora no meio do ziriguidum que simplesmente perco o tesão, e é bom que seja dito, isso se estende desde as matinês no Locomotiva às mesas de bar. Assim que a dupla surgiu no beco, Fiúza vestindo uma calça saruel tie dye e sandálias, Almeida com a inseparável camisa de cobrador e o estojinho da flauta doce debaixo do braço, eu parecia ter entrado em um filme de terror no Bloco F da UFPA, onde cursei Comunicação Social — penso hoje, se consegui escapar foi por pouco, pois fui exposto a todas armadilhas possíveis que a arte das ciências humanas pode oferecer.

Apesar da minha vontade de pedir a conta e me mandar antes que os dois sentassem, não podia me queixar, estava ali novamente por vontade e arrependimento próprio. Os recebi com entusiasmo sincero e pedi mais dois copos para o Germano — dono do empreendimento —, a dupla negou, iriam pedir um drink. O Bar do Horto era um boteco fim de mundo em que seu principal drink era a cerveja barata e quente, e se a fome batesse, o carro-chefe da casa era azeitonas tiradas do pote na tua frente com pedaços de queijo salpicados de orégano. Fiúza insistiu em uma caipirinha — tinha a péssima mania inerente a figurões de achar que era amigo de todos e adorado igualmente —, sabia desde a primeira vez que pisou no lugar, levado por mim e Dinis, como as coisas funcionavam por ali. Germano, mais a contragosto que por simpatia, na maioria das vezes cedia; não sei de

SER FILHO DA TERRA NÃO GARANTE ISENÇÃO DE IMPOSTO

onde vinha o limão, mas eu ria toda vez que a bebida chegava com a fruta estraçalhada até metade do copo americano, blocos de açúcar grudados no vidro e algum líquido parecido com cachaça — nada mais primoroso.

Apesar da estética boemia-hippie de Almeida & Fiúza, eles não se esforçavam em nada para compactuar com o conceito, talvez por isso eu ainda mantinha algum interesse por eles. Não frequentavam a maioria dos botecos onde eu fazia honrosas dívidas, iam apenas acompanhados por mim ou Dinis; não que fossem chegados somente a lugares requintados, mas preferiam os que eles se sentiam mais seguros. Nunca entendi bem o que isso queria dizer, sempre achei o Bar do Horto um lugar muito seguro, tirando as batidas policiais, os pés de porrada que aconteciam eventualmente e o tráfico que coexistia irmãmente com nossas aptidões. Era com excelência um lugar bem família.

Eu olhava para os dois, principalmente para Almeida sugando seu canudinho entupido com gomas de limão, as pálpebras arriadas, o mindinho esticado, em um esforço constrangedor em fingir costume, e me perguntava de onde surgira a vontade de fazer parte daquilo, que curiosidade era aquela, pois muito desconfio que fosse por falta de opção. Um fetiche talvez. Poderiam estar tomando drinks mais elaborados em qualquer lugar que exigisse 15% pela taxa de serviço, viajando até onde Judas perdeu e achou as botas para estudar as causas que bem entendessem, ou poderiam estar dando aula de clarinete para crianças pobres no Instituto Wilson Fonseca, coisas que lhes preenchessem a alma com mais pujança e menos firula.

Com as cervejas quentes do Germano fazendo efeito, e a procura de algum motivo para aquela pavulagem da dupla que eu acompanhava com olhos descrentes há anos, imaginei se tratar do pagamento de uma dívida, reparação histórica, uma ressaca culposa dos calabouços da ditadura. E mesmo que fosse, não me comovia, não havia nenhum privilégio naquilo.

Antes que a paciência entornasse, Dinis surgiu com a cara de sempre, mal lavada, de quem caiu da cama, com um sorrisinho mandraque no canto da boca. Passou pela mesa sem falar com ninguém e adentrou o bar. Como bom papudinho inveterado que era, foi antes de tudo cumprimentar o dono do empreendimento — Germano! Fizeram piadas de baixíssima qualidade, mesmo assim gargalharam, furtivamente perguntaram sobre a vida, marcaram um dominó apostado, Germano serviu Dinis sem que ele pedisse. Almeida & Fiúza não tinham essa malícia, essa cumplicidade, essa

patifaria. Ao contrário, gostavam de se estabelecer com seus drinks, sugando canudos entupidos e ficavam escabridos de ir a certos lugares. Quando finalmente Dinis chegou à mesa, já trazia debaixo do braço outra cerveja Barata & Quente, encheu meu copo, e sem ingenuidade ofereceu à dupla.

— Tô no drink, mano — Almeida se esforçava contra o canudo.

— Só na caipis hoje — Fiúza levantou o copo, em seguida, molhou os beijos na “caipis”.

— Hum! — Dinis virou o rosto me dando uma rápida olhadela, colocando o copo na boca para esconder o riso.

Eu sabia o que Dinis pensava, era um alívio, enfrentar a dupla sozinho era uma penitência dura de se pagar, era de se perdoar qualquer pecado, mas felizmente eu não estava nem um pouco disposto em adentrar o reino do céu. Nunca jurei inocência e pretendo continuar assim até o final dos tempos. Não há nada demais em falar mal dos outros, ainda mais de quem se gosta, é quase uma filosofia social que já salvou muitos relacionamentos, quiçá evitou guerras.

O time se completou quando Elza chegou. Elza tinha restrições fervorosas quanto às firulas de Almeida & Fiúza. Fotógrafa, pesquisadora, tinha suas fotos expostas em museus a perder de vista, procrastinadora e promíscua na medida que lhe convinha, já pegamos alguns porres de Ypióca sentados na calçada em frente ao Bar do Horto porque era só o que nosso dinheiro permitia, lançou uma cadeira na cabeça do ex-namorado logo depois do término, além de ter cabelo no sovaco muito antes mesmo da tchurminha tilelê performática saber do que se tratava a modalidade. Falou rapidamente com a dupla, dois beijinhos em cada para ninguém se sentir acuado, e chegou cheias de abraços comigo e Dinis.

— Fala, Zé Meyer! Fala, Tarcisão! — Elza comemorava o reencontro do trio nos chamando pelo apelido que inventara.

Conhecedora da causa sem precisar de panfletagem, Elza não perdia a chance, quando lhe aparecia, de debochar de uma masculinidade frágil. Certa vez, comemorávamos sua aprovação para o mestrado, estávamos os três à procura de aventuras amorosas para a noite, na maioria das vezes ficávamos calados sobrepujando nossas limitações, quando não, observávamos as pessoas que passavam, tecendo comentários quanto à aprovação ou não das supostas pretendentes. Algumas delas conhecidas, passavam por nossa mesa e nos cumprimentavam, Elza logo percebeu eu e Dinis sempre desconcertados, sem o menor molejo, e ria disso. Quando a questionei o que vinha acontecendo, acusou nosso lastimável traquejo

para sedução, paquera, e os meios conhecidos, e ironizou com perspicácia:

— Grande Tarcisão e Zé Meyer!.

A encarnação pegou, desde então venho me dedicando, com as habilidades questionáveis que tenho, a fazer jus ao apelido. Almeida & Fiúza já haviam escutado os apelidos em outras ocasiões, ficavam curiosos em saber a origem, mas sempre desconversávamos. Naquele dia não foi diferente. Nada mais era que a inapropriada vontade de querer poder meter o bedelho nos mais variados temas, habilidade que a dupla elevou a níveis quase insuportáveis, ainda mais bêbados — de caipis.

Almeida era um conhecedor da cultura em geral, o obelisco das rodinhas em pé nos bares do Comércio, era uma enciclopédiazinha verborrágica e exibicionista que parecia sempre estar pleiteando alguma vaga na Secretaria. Tentava nos convencer a ir assistir uma peça de teatro que falava sobre a Revolução Cabana.

— Vamos, gente, é uma homenagem belíssima para esse povo que lutou e nos fez o que somos hoje. Viva os cabanos, gente! — levantou os braços com o queixo empinado como estivesse comemorando uma conquista sua.

— Belíssima, Almeida? Onde teve isso na Cabanagem, rapaz? Se não tiver sangue, nem corpos decepados, e português desesperado pra salvar as próprias pregas, eu nem me dou ao trabalho de sair de casa — a incoerência já me incitava a discordar com toda minha parcialidade e implicância.

— Ai, deixa disso! Tu entendeste o que eu disse. Vai ser no Marista — Almeida sugou novamente o canudo, dessa vez me olhando sob a sobrançelha.

— Putaquepariu, Almeida! Quem é o pai da presepada? — comecei a ficar preocupado com meu coração, não podia ficar me irritando facilmente, ainda mais com coisas totalmente sem sentido.

— Um amigo ator de fora que tem uma companhia de teatro aqui na cidade — a voz de Almeida já falhava antes mesmo de completar a resposta.

— Porra, não mexe com quem tá quieto! Se o Grupo Gruta souber disso, é bom essa galera se apegar bastante com o Creio em Deus Pai que eles rezam antes das aulas e se prepararem para um prega's revival — brinquei avisando a dupla sobre o possível desastre daquela arrumação.

A relação do histórico com o lugar-da-encenação-amigo-ator-de-fora, não casava em minha cabeça, apesar de isso ser um grande problema meu. Mas ainda acho que se os moleque doido de 1835 ficassem sabendo d'A Homenagem, era possível o próprio Angelim em viva-alma aparecer para distribuir terçadadas gratuitamente. Não que a Cabanagem não merecesse homenagens ou regalias, ao contrário, tem gente cortando um dobrado até hoje para que reconheçam a honraria do negócio. O problema é que ela, como toda grande revolução que tenha colhões, é popular, prefere estar nas ruas ou pela corte para degolar figurões regentes, sem falar que tu não vês os colarinhos da Doca com o punho em riste comemorando o 7 de janeiro, são tipos mais acostumados à Belle Époque.

Nada contra adaptações artísticas, ainda acho que se poderia fazer coisas primorosas. Imagina um filmão de época de ação, Adriano Barroso e Cacá Carvalho liderando os cabanos na tomada



de Belém, a Dira Paes levando os ribeirinhos pra tocar o terror nos palacetes dos portugas, o finado Henrique da Paz como o burguês safado querendo rachar a revolução, o Paulo Fonseca com o brioco trancado a 7 chaves como o regente, ainda daria tempo para um musical de encerramento onde a Joelma surgiria em uma bajara na Ilha do Combu cantando “Voando Pro Pará”. Égua moleque, tédoidê!

Por falar em figurões, os rostos de Fiúza & Almeida deixavam escapar certo incômodo. Fiúza se encostou na cadeira cruzando as pernas e ficou mexendo com o canudo o limão estraçalhado da caipis do Germano. Almeida, mesmo que frustrado, passou a argumentar com detalhes técnicos históricos para sustentar a ida de todos ao espetáculo. Era cativante, um tanto irônico, seu esforço tentando validar a participação da burguesia — lhe caía bem essa palavra — no movimento. A mesma que entornou o caldo dos cabanos quando passaram a tomar as rédeas da cidade, assim como ele e Fiúza tentavam fazer, assim como o amigo ator de fora, assim como o Marista, moldando as insurgências para preencher seus vazios, diminuir a dura reminiscência de seus equívocos, ou apenas para fazer uma chacota sombria onde riem escondidos em seus salões. O que me impressionava era que eles poderiam até ficar incomodados, mas não se ofendiam, eram insistentes como se isso fosse um grande dom que lhes foi concedido, quando não, mudavam de assunto facilmente, desde que a palavra final fosse sua.

Enquanto Almeida ainda cacarejava cheio de ombros e mãos, Fiúza já havia superado o assunto, levantava a cabeça à procura de algo na rua. Uma moto azul passou pelo bar, Fiúza a seguiu com o olhar até ela parar na esquina, prontamente ele se levantou para ir ao seu encontro. Ao voltar, foi direto ao banheiro. Quando saiu de lá, falava pelos cotovelos acompanhado de uma sinusite duvidosa. Para quem tem um mínimo de transgressão na alma, não precisa ser um gênio para saber o ocorrido, também nem com que se espantar, quem sabe daqui alguns minutos eu fosse o próximo a me levantar para ir ao banheiro. A questão aqui é a procedência do serviço.

A dupla, como não poderia deixar de ser, era chegada em uns quitutes mais turbinados, nada muito natureba para não estragar o fetiche hipster de cobertura dos direitos humanos. Apesar do conceito que tentavam transparecer, a dupla nunca perdia aquele ar de meninada de prédio, daqueles que sabem Marx melhor que o próprio, o recitam esplendorosamente, mas, no fundo, o conhecimento de causa não era preciso de fato, o importante era fazer de conta pra não perder a hora de repartir o bolo. Um exemplo eram os quitutes, que chegavam confortavelmente por delivery, embalados como encomendas dos Correios, enviados pelo traficante amigo e bem-nascido que mandava buscar o produto direto da Europa. O valor deixaria professores acampados em frente ao Edifício Palácio Ducalle.

Assim como no Germano, que só iam acompanhados por mim ou Dinis, Almeida & Fiúza nunca foram em uma biqueira, não sabiam dizer nem quantos cômodos tem uma geralmente, o que dizer, como se portar, era perigoso chegar e pedirem uma caipis de limão enquanto aguardassem. Mas eles não tinham curiosidade, não precisavam, era tudo no conforto do lar,

tudo à vista sem notas trocadas.

— A gente tá vivendo uma segunda Cabanagem, cara! Olha o Batuque na Praça, o quanto cresceu, ocupando um lugar simbólico na cidade... Que incrível! — ninguém mais segurava Fiúza.

— Ê rapa, tu é fresco é?! Que papo é esse? Quantas vezes tu já foste no Batuque? Duas? Ainda acompanhado de seguranças? — Dinis se divertia com os questionamentos.

— Para de graça! Já fui um monte de vezes! — Fiúza tentava convencer a mesa e a si próprio.

— Olha só, Fiúza, não é porque tu tens essa tua cara de reitor da federal que tu podes sair por aí mandando tese sem estudo de campo, caralho!

A mesa explodiu no riso, até Fiúza tentou disfarçar o acanhamento depois do que Dinis dissera forçando uma gargalhada anasalada. A encarnação com pitadas cruéis de verdade pareceu incentivar a bancada da oposição à dupla. Elza, que vinha acompanhando tudo calada, dedicada a se embriagar sem muitas delongas, se animou a participar do entrevero.

— Tu já foste no Brasilândia, caralho? — Elza tentava arrumar o campo para a armadilha.

— Sim! — nem Fiúza sentia firmeza da própria resposta.

— E no Pompílio? — continuou Elza.

— Sim... — dessa vez, Fiúza nem se esforçava para disfarçar a mentira.

— Cara nem treme. Olha, maninho, fica no teu circuito Mangal-Estação das Docas, que a gente ti conta do Batuque. Égua não viaja! — o sorriso de Elza não escondia sua impaciência.

— Daqui nós vamos pro Palácio dos Bares, então! Quero nem ver, pode dá teus pulos aí — a intimidação de Dinis para Fiúza arrancou outro “sim” desacreditado.

Uma pequena discussão se iniciou na mesa, logo interrompida por uma flauta doce tocando “Na Luna”, do Mestre Verequete. Não precisei me virar para saber que era Almeida fazendo bico na flautinha, chacoalhando os ombros, esbugalhando os olhos para alguém esperando que cantasse. Não bastava a performance musical da flautinha da consciência social, tu ainda eras forçado a participar. Baixei os olhos para mesa de ferro da Cerpa quase vacilando por um instante, pensei se minha antipatia & implicância não estavam ultrapassando os limites do aceitável, se não estava ficando ranzinza cedo demais, me preocupando com o que não devia, então decidi encarar o inevitável: participar. Assim que levantei a cabeça para vê-lo de olhos fechados com as pernas cruzadas como se fosse uma versão pitoresca do Sebastião Tapajós reencarnado, as mesas vizinhas se virando incomodadas, aceitei que ninguém era obrigado. E isso não é fruto de um bode empírico-teórico irreversível contra a dupla. Nem Verequete se salvaria se, em seu início, ainda desconhecido, fosse de boteco em boteco, de casa em casa, esquina em esquina, nas horas e dias mais inapropriados, cantar, ter seu momento de afetação artística. Penso na tragédia que poderia ter sido o Mestre chegando em um velório com seu Grupo Uirapuro para dar uma canjinha de “A Sereia do Mar”. A diferença óbvia, nesse caso, além da noção do que pode render o próprio caldo, é o talento.

Mesmo assim, não se pode ser injusto. O repertório era digno de nota, o que não é de se surpreender, tratando-se de exímios conhecedo-

res teóricos que eram Almeida & Fiúza. Quando Almeida terminou a apresentação, mais por conta das conversas em paralelo de pessoas que já haviam dado cota suficiente de sua atenção — inclusive a nossa mesa —, ele colocou a flauta doce debaixo do sovaco, dando início a um monólogo sobre o que queria dizer algumas músicas que tocara. Eu estava por um triz de perder a paciência com aquilo, era uma enxurrada de clichês. Apesar da marra, da estileira, da articulação, a tchurminha tilelê não se dava o trabalho de ao menos soar autêntica, eles apenas se convenceram que eram, quando no fundo pareciam uma apresentação em Datashow com o compacto de final de ano do que eles supunham ser os melhores momentos de Paes, Eneida, Violeta, Damasceno, Berna, Henrique, Elza, Rosaly, Chico, Apolinário, Sebastião, Fafá, Onete, Lúcio, Verequete e grande elenco. Se não tivesse um pouco de malícia, o resumo impressionaria.

Inquieto da palestra e visivelmente em completo desacordo, Dinis sacou da carteira de cigarro um beck-GG-extra-large — chegava até ser ofensivo — e acendeu ali mesmo na mesa. Das poucas coisas que no Germano eram proibidas, além do fiado e da porradaria, fumar um baseado era uma delas, de resto tudo era permitido, inclusive desejar a mulher do próximo, desde que se tenha razão.

Antes que Germano desse o flagrante, rapidamente o fumo girou pelo trio. Em nossas primeiras baforadas, a dupla já contorcía o nariz, apesar da calça tie dye, eles não fumavam. Das poucas exigências que tenho na vida, uma delas é com a imitação, com o clichê, pois, se for para ser feito, que seja à altura, é a única expressão artística — por que não? — com a qual eu não aceito adaptações, concessões mambembes. Felizmente, naquele dia, fez com que Almeida parasse o monólogo, dando lugar às reclamações da dupla quanto ao cheiro. O escândalo chamou atenção, Germano surgiu atrás de Dinis com os braços abertos.

— Égua, não! Tu sabes que aqui não pode, meu querido. Vai ali pro outro lado, porra. — Germano com raiva tinha calma.

— Égua, Germaninho, século 21, os alquimistas estão chegando, legalize já... — Dinis tentou argumentar musicalmente.

— Égua,

mano, eu sei. Mas aqui é uma questão de boa vizinhança... — Germano impaciente tinha calma.

— Égua! Esses bichos tão cheirando meu cigarro de perna de barata desde quando eu cheguei, cara.

— Égua... — Germano riu.

Os dois tinham um bom entendimento. Dinis apagou o baseado e Germano saiu rindo para trás do balcão. Na mesa, a maioria já se encontrava desinteressada, a não ser Elza que se ancorava em uma dose de cachaça, alternando com os goles na cerveja. Como se estivesse disposta aos assuntos da dupla desde o princípio, perguntou qual assunto queriam tratar que nos fez reunir no Bar do Horto, também pediu mais duas caipis, e não deixou que Fiúza começasse a falar até que as bebidas chegassem. Quando elas chegaram pelas mãos molhadas de cachaça & limão de Germano, a dupla se aplumou sorridente na cadeira, encostavam os ombros e se olhavam como se fossem uma dupla de músicos prestes a anunciar o projeto de suas vidas.

— Gente, vamos comprar uma Kombi — iniciou Fiúza.

— Égua! Do caralho! — me esforcei para que não soasse falso, pois não era, só tinha certa dificuldade para expressar algumas reações, ainda a tenho.

— Sim, não é? A gente vai equipar ela e vamos viajar — continuou Fiúza aumentando o tom de voz.

— Fazer um bate e volta em Moscou, hein, moleque... Foda! — Dinis se empolgava mais com a sua imaginação do que com o fato em si.

— E se der merda, vocês podem sair por aí vendendo maniçoba nela, um tacacá... Olha o hype! A galerinha do Marista vai amar. Égua, tu és doido, moleque! — disse Elza, arrancando risos da mesa, em seguida virando a dose de cachaça.

— Calma. Deixem ele falar — interveio Almeida.

Alguna coisa em mim dizia que eu não poderia mais adiar minha fuga, talvez fosse o álcool. Ou, talvez, apesar de torcer que os motivos terminassem por ali e de os achar o bas-

tante, considerando

o histórico

da dupla,

pres-

su-





pus que aquilo não era o suficiente para eles; alguma motivação catártica viria, indubitavelmente inspirada em alguma expressão artística. Bem, todo mundo cuida dos seus panos velhos da forma que bem entende, eu só esperava que, para aquele fim de noite, o motivo fosse o menos previsível possível. Juntei as mãos entre as pernas para que não ouvisse nada relacionado a beats & afins.

— Vamos pegar a estrada e atravessar o Brasil de Norte a Sul — anunciou Fiúza sem se conter.

Respirei um pouco mais aliviado. Era apenas uma viagem sendo uma viagem, como boletos sendo pagos, sem explicações de bancadas de TCC, apenas uma dupla com dinheiro para viajar pelo país inteiro. Nesse momento, os respeitei como não sabia ser possível, os respeitei até os admirar. Todos ficaram animados com a notícia, o trio, a dupla, vibravam como amigos de longa data que eram, enchíamos Fiúza de perguntas a respeito da viagem, levantei o copo para propor um brinde, mas fui interrompido com sua mão segurando meu braço.

— Não, não, vocês não estão entendendo! Eu e Almeida acabamos de ler *On The Road*... Cara! Como não pensamos nisso antes?! Vamos refazer essa porra aqui no Brasil. Reviver aquela efervescência. Descobrir o verdadeiro Brasil, essas figuras que vivem escondidas e que podem mudar tudo — discursou Fiúza dando pinta de que ficara dias decorando.

Eu também já havia lido *On The Road* inúmeras vezes e também havia explodido minha cabeça para muitas coisas. No meu caso, que poderia fazer o que bem entendesse, desde que estivesse disposto a conviver com a minha própria miséria e falta de condições. Logo, desisti na primeira oportunidade, quem precisa cuidar das próprias enfermidades todos os dias, sem chance para fumar um cigarro por 15 minutos na calçada, sabe do que aquilo se trata. De um lado era um afago aos que estão fadados ao fracasso, aos desejos inalcançáveis, um elogio aos pobres antes que enlouquecessem, tu sentias até um alívio em se reconhecer; do outro, a grande potoca do sonho americano. Eu não pegaria Fords e Buicks por aí para rodar as estradas do meu país, atrás de sujeitos que me incumbiriam uma conversão na alma, além de egoísta e preguiçoso, serve para pessoas como Almeida & Fiúza darem sentido a suas excentricidades tediosas; era perigoso que, no primeiro momento, que eu encontrasse alguns desses sujeitos, tivesse que pedir emprego e estivesse até hoje em algum canal pelo sertão tentando abater a dívida, afinal, repetir o que Kerouac fez por terras tupiniquins quase se torna inviável para sujeitos como eu, pois a cesta básica de drogas, comidas e bebidas é cara demais.

— Tá beleza. Mas quem vai ser o Sal? Tu ou o Almeida? Vejam bem isso, porque tem que ter muito colhão para meter uma de Dean Moriarty — depois dos motivos da viagem serem revelados, Dinis também perdera o interesse.

— Ai! Para de fuleragem. O negócio é sério, dá uma forra aí — se impacientou Fiúza.

— Rapaz, tudo isso lendo *On The Road*? Égua! Se tu leres Jorge Amado vais comprar um saveiro e virar pescador? — Elza não queria dar uma forra.

— Tá foda conversar com vocês. Égua! — era a vez de Almeida.

— Te acalma, não te esquenta — Dinis bebericava a cerveja e tentava apaziguar os ânimos da dupla — Eu acho louvável a viagem, de verdade, cara. O conceito que eu acho meio merda. Que porra de Kerouac, mano, vocês têm que desapegar desse cara.

— Vocês estão entediados, é? Querem sair por aí conhecendo uma galera estranha pra terem umas histórias exóticas pra contar? Vão pro Cutelo ou pra Outeiro, caralho! — iniciei a esclarecer as coisas didaticamente, à moda do chefe — Sem falar que, por muito menos, tu podes cair sem saber em festas de aniversário de traficantes amabilíssimos, levar uma prisão por tabela, ser chantageado pelo condutor da charrete que vai te jogar em uma praia isolada onde mora um ser suspeitíssimo, ser encarcado por uma tia lambuzada de bronzeador enquanto dançam tecnobrega, comer filhote com areia, além de fumar uma das melhores maconhas existentes e outras coisas más, basta ter jogo de cintura & força de vontade pra participar do roque doido.

Foi um golpe baixo na dupla, que já estava quase entregando os pontos. Eu não deixaria de contradizê-los, já estava cansado dessa galera indigesta resignificando demais, revivendo aos montes, ninguém parecia muito a fim de caminhar com a própria inaptidão, de apenas ser chato pra caralho, daqui a pouco estaria difícil até morrer em paz. Eu não aliviaria seus lados apenas por serem meus amigos, aliás, existem outros que eu me esforçaria mais para isso.

— Vocês querem conceituar o negócio todo? Vai de barco de Santarém até o Marajó e chama de *On The Road no Tucupí*. Aliás, vocês já fizeram o rolê Belém-Santarém? Três dias dentro de um barco junto com as mais seletas figuras do submundo nortista? Têm cara de que não — a dupla apenas consentiu —. Nem queiram imaginar o que acontece por lá, por sinal, seria bom a galera do sarau, da performance, fazer uma visita lá um dia desses pra sentir melhor como é que funciona. É o tipo de pauta que vocês gostam, vai!

Se inflamou um bate-boca efusivo na mesa. Almeida & Fiúza falavam categoricamente, um apontando o indicador em minha direção; o outro rodopiando a flautinha doce sobre os ombros; quase não se achava uma brecha para se falar, a eloquência era tão impressionante que logo desconfiei se o discurso já não havia sido proferido em outras oportunidades, o que me fez acompanhar tudo calado. Quando terminaram a palestra — eu devidamente de saco cheio e sem lembrar muito do que tinham falado —, aparentemente havia levado um baile irretocável na discussão com os teóricos Almeida & Fiúza. Com o desânimo instalado na mesa, fui ao banheiro fazer o contrário, veja bem, nunca disse que não compartilharia de certas sujeiras. Ao voltar, Almeida & Fiúza davam sinais de que a noite terminara para eles. Se despediram, Almeida reiterou o convite para a peça, e partiram. Em seguida, foi a vez de Elza, restando apenas eu e Dinis. Minutos depois, ele deu um salto na cadeira, alcançou a comanda que estava sobre a mesa e se virou para mim.

— Égua, moleque! Eles saíram sem pagar!
— Égua... Pior — respondi imaginando como convenceria Germano a aceitar uma meia-pindureta.



RelevO

Melhores Cartas 2020-2025

Produzir um jornal literário, quem diria, também gera alguns momentos divertidos. Não necessariamente de forma voluntária. A seção de cartas do RelevO é um espaço do qual nos orgulhamos, afinal é razoavelmente orgânico, isto é, espontâneo, indicando que, a despeito de nossa irrelevância, temos leitores que prestam atenção — o que mais podemos exigir?

Neste espaço, leitores e autores, publicados ou não, escrevem livremente para o Jornal — com elogios, críticas, confissões, ressentimentos e até ofensas.

O resultado é um retrato espontâneo da relação entre público e imprensa literária. Com respostas que oscilam entre o deboche e a generosidade, da vilania ao amor escondido no pequeno gesto, a equipe editorial busca preservar o tom que marca o periódico desde sua fundação, deixando livre o caminho para sentimentos contraditórios, mágoas antigas ou paixões inesperadas.

Contudo, no seguinte compilado, filtramos as cartas que quase nunca nos elogiam. Talvez gostemos do malcriado ou do tragicômico? Serão o ódio e a raiva os melhores sentimentos de amor interessado? A delícia da descoberta de gênios (sempre exclusivamente autotitulados)? A verdade mais simples é que sinceridade absoluta nos parece mais interessante que qualquer afago. Afago pode ser confundido com o protocolar...

Mas não deixem de mandar cartas elogiosas também!

2020

Abril

Olá, uma pena [recusarem o meu texto]. Atualmente tenho premiação em 24 concursos literários, um deles pela Faculdade de Letras localizada em Portugal, Lisboa. Minha linha literária realmente tem pouco acesso na cultura de massa deste tempo. Aliás, a premiação em Portugal não passa de feijão com arroz para mim, porque foi outro poema de pouca complexidade, pouco teor de perfeição e impacto, condicionado à superficialidade dos seus juizes. E os três poemas ora enviados são premiados, um deles em três concursos literários diferentes. Forte abraço! Votos de paz...

Prezados, como não foi explicitado o motivo [de recusarem o meu texto], entendo que, se fosse pelos erros do português (sic) poderia ter entregado para revisão. Não me parece ter sido esse o motivo. Acredito que vocês não gostaram ou censuraram o tema. Lamento a decisão. Atenciosamente.



Maio



Toda edição de março do RelevO foi ilustrada com a minha série de 2019. Valeu pelo convite e pelo cuidado com as imagens à equipe do Jornal, especialmente ao editor e amigo Daniel Canela!



Junho

Eu sei que pode parecer bobagem, mas uma das coisas que mais fiz nessa quarentena foi ler jornais antigos que se acumulavam (acumulam) aqui em casa. No meio deles, após mais de cem edições inteiramente lidas, apareceu um exemplar do RelevO. Eu só pensei: outro suplemento cultural para ler! Yupiii (-sqn). Não conhecia (e continuo não conhecendo) o RelevO, mas, por algum motivo, eu não desgostei do jornal. Cheguei até a rir. Acredito que esta pandemia não está fazendo bem para a minha cabeça. Tomei a decisão de virar assinante do jornal. Parece que bobagens alimentam o meu cérebro. E encontrei muito disso no RelevO.

Julho

[Após uma negativa individualizada. Após esse incidente, padronizamos as respostas.] Ah, faltou dizer o seguinte: não te dei carta branca pra ser pau no cu. Quem fica masturbando o ego dos amiguinhos escritores pelo jeito é tu. Infelizmente, meu preconceito contra os curitibanos, em face do qual eu me penalizava, não deixa de ter um fundo de verdade. Vivem no seu castelinho fechado onde só entra quem eles consideram digno de respirar o mesmo ar. Por mim tu pode ir pro inferno com esse teu jornal de bosta.

Sou assinante do Jornal. Gostaria de cancelar a minha assinatura. Não solicito reembolso; apenas que não enviem mais os exemplares mensais do periódico para o meu endereço. Pode sortear a minha assinatura gratuitamente ou doar para uma biblioteca comunitária. O jornal chega sempre sem atraso e o conteúdo é um dos mais incríveis que já tive a oportunidade de ler na vida. O trabalho que vocês fazem é único, sem sombra de dúvidas. O problema está em mim e na minha dificuldade em assimilar qualquer palavra que sugira um átomo de esperança. Eu prefiro que a esperança seja melhor aproveitada a quem acredita nela. Palavras sempre me trouxeram esperança, sempre fortaleceram a minha fé. Mas não nesse tempo de pandemia.

Agosto

O jornal de vocês não faz o meu tipo. Obrigada!



Dezembro

Ainda não renovei a assinatura. Parabéns pelo jornal. Mas vou dar um tempo. Em outro momento volto a assinar. Você deve ser uma pessoa interessante e batalhadora, mas, cara, por meios eletrônicos, todas nossas interações são me cobrando. E quando fui lhe apresentar uma pessoa que seria excelente contribuição para o jornal, já chegou vendendo. Fera, sei de seu trampo e da dificuldade pra sobreviver, mas às vezes seria massa você bater uns papos com as pessoas, se interessar por elas e não só pela assinatura do lance. Abração.

Hey, Jornal. Na falta de uma briga judicial por conta do nosso término, meu ex-noivo e eu, que fizemos o absurdo de trocar alianças de um simbólico casamento em plena pandemia, teremos outro motivo de contenda: pela guarda do RelevO, uma edição de 2019, na qual saiu um conto meu. A parte processada, que mandou um carregamento de dois caminhões inteiros de coisas minhas – talheres, pratos e lixeiras, inclusive – para a casa dos meus pais, quando inquirida a respeito do grave crime de ter enviado, além de tudo, os livros que escrevi e dediquei a ele, fora os presentes acumulados de

cinco anos, respondeu o seguinte: “guardei o mais importante. Guardei o RelevO”. Ainda que a processante seja assinante e admiradora, e, aliás, por isso mesmo, do jornal, o caso tornou-se uma grave disputa de guarda, com o agravante crítico de que, afinal, os livros que escrevi foram considerados menos importantes. Um caso que só podia constar nas páginas pitorescas de um jornal de papel e de literatura no Brasil. Fica aí meu elogio dolorido para vocês. Ou o do meu ex. De uma autora e assinante que prefere ficar anônima porque não aguenta mais tretas na sua vida.

2021

Janeiro

Sim, chegou o jornal de vocês... Porém me chamou a atenção o seguinte. Primeiramente, o meu interesse era de publicar o material que enviei para vocês. Caso isso não fosse possível, não precisava enviar qualquer outra edição, pois, quando chegou [o jornal que o próprio autor solicitou], achei que haviam publicado o meu material. Segundo: já que enviaram mesmo assim, resolvi ler e me perdoe a sinceridade; detestei. O tal jornal trazia uma matéria esdrúxula (e eu diria até ofensiva) sobre o Gustavo Kuerten (o Guga). Saibam que o Guga, aqui em Florianópolis (e no Brasil), é muito querido e, por isso, qualquer contínuo desse tipo não pega nada bem. Extremamente desnecessário e desrespeitoso. A matéria sobre o Guga evidenciou a arrogância de alguém que pensa que escreve com criatividade elevada. Terceiro: a matéria é tão ruim que simplesmente acaba quando a folha do "jornal" acaba. Parece que a pessoa que estava escrevendo foi assassinada pelas costa [sic] enquanto escrevia aquela “obra-prima da literatura tupiniquim”. O exemplar (que não é exemplo de nada) será enviado para casa de Gustavo Kuerten. Vamos ver se ele vai achar bom, engraçado, criativo ou qualquer outra coisa que eu não tenha visto. Contratem um bom editor e pessoas que saibam e amem escrever; aí quem sabe, as coisas melhoram. Atenciosamente.



A capa de dezembro é uma coxinha gigante?

Se vocês me publicarem, assino o jornal. Pode ser?

Fevereiro

Olá, estava lendo a edição de janeiro do RelevO e li o comentário do [redacted] "não mexam no meu Guga", na parte Dos Leitores. E só queria dizer para o tal do Adriano: vai tomar no meio do seu cu, sulista arrogante do caralho! Agradeço desde já (:

Se eu mandar nudes vocês remuneram também?

Maiο

Sete anos publicando neste periódico e o revisor ainda erra o meu nome quando está embriagado. Mas é assim mesmo, poeta é tudo carente: aceita qualquer coisa pra se sentir mais lido, desejado, relevante. E eu amo esse safado desse jornal. Assinem.

Julho

Eu acho um desperdício de papel as centrais do jornal. Não sei quantos anos têm os editores, mas certamente não são jovens. Não vejo graça nenhuma.

Agosto

Por que eu iria assinar um jornal de papel? Pagar 60 reais... E todo mês ainda.

Setembro

Desconfiado de que vocês são um algoritmo que só queria meus valiosos dados.

Outubro

Continuo comprando porque é barato e de vez em quando preciso de uns jornais pra embalar uns troços.

Novembro

O que seria RelevO?

Dezembro

Passando pra dizer que, diferentemente do que foi combinado, chegou mais um exemplar do jornal aqui em casa. Aqui não é BANQUINHA, gente!

Não tenho interesse em assinar o jornal porque não faz muito o meu tipo de leitura, mas gostaria de submeter um texto para avaliação do corpo editorial da revista. É importante para mim buscar novos públicos e novos leitores, e tenho certeza que o periódico de vocês ganhará muito com o meu trabalho.

Boa tarde. Espero que estejam bem. Não desejo que o meu e-mail seja um incômodo. Eu enviei para o jornal algumas crônicas para análise. Eu não sei se há alguma resposta, mas aguardo ansiosamente pelo retorno. Espero que o meu material seja aprovado, pois seria um sonho ter meu texto publicado no Jornal Rascunho. Obrigada pela atenção.



RelevO Melhores Cartas 2020-2025

2022

Janeiro

Olá, eu gostaria de saber se tem idade mínima para participar do periódico. Gostaria de enviar um conto para ser avaliado, escrito pela minha filha de dez anos. Obrigada!

Fevereiro

Não tenho interesse em assinar jornal de literatura. Peço encarecidamente que só escrevam oferecendo assinatura pra quem tem interesse. Obrigado.

Março

Oi vocês compram nossos textos e como enviar e como receber dinheiro. Eu gostaria de enviar espero ser aprovada.

Maio

Estava levando a Bubu pro seu martírio escolar hoje cedo e na volta diante de "Drive" (Ziggy Marley) comecei a esboçar um comentário após passar a noite anterior digerindo o conteúdo apresentado por esta estampa. E apenas pro "Matias" torcer o nariz e me enquadrar dentro de suas críticas matiasvéllicas de sempre, espero que este erário seja relacionado entre os distintos cotidianos da fase dois do filme de Thomas Jeffrey Hanks ao menos pelo "xvidros.com"... A provocação é apenas para dar um toque de liberalismo afim de esquentar esse espaço tão bem planejado por parte da direção que eu não encontrei. Em por falar de produções de "melhor fotografia", quero

parabenizar o serviço litográfico com mais uma passagem pelicular do tipo quando William Bradley Pitt responde uma pergunta em "Sr. e Sra. Smith" relacionado a atividade sexual para o condutor de terapia de casais com todos os dedos das mãos (é pra causar mesmo), afinal o piazzum Nuno Rau abriu espetacularmente essa edição. Às mulheres envolvidas direta e indiretamente, fica aqui o meu "de onde tcls gata? (s) Estou aberto para relações fechadas". Isso também irá trazer indignação, mas como a sede é grande por conteúdos iguais aos do Revelo, "Se tens sede vos sereis dezsedados e se tens fome vos sereis dezfamados". Forssa lobos, sempre!



Vocês querem que EU assine o jornal ou assine NO jornal?

Assinar jornal de papel? Tô fora!

Junho

Favor publicar meu comentário na sessão de leitores da próxima edição: "Um dos pontos altos do RelevO é o alto grau de filhadaputice dos editores".

Julho

De: xxxxxx <xxx@gmail.com>
Date: sex., 3 de jun. de 2022 às 07:34
Subject: Poesia
To: <contato@jornalrelevo.com>
Enviei uma poesia mês passado, notei que não publicaram.

De: xxxxxx <xxx@gmail.com>
Date: sex., 3 de jun. de 2022 às 15:05
Subject: Lixo de jornal
To: <contato@jornalrelevo.com>
?

Da redação: [REDAÇÃO], tivemos dificuldade de enviar uma devolutiva do seu texto, afinal você esqueceu de anexá-lo. Mas não se preocupe em fazer esse esforço agora, porque resolvemos o problema escrevendo seu poema por você. O título provisório é "Ode à Calopsita"; "meu jornal, meu jornal / do lixo ao forro de alpiste / a andorinha pega no meu...". Aproveitamos para informar que o nosso Conselho Editorial não aprovou seu poema escrito por nós.

Agosto

Bom dia, Jornal. Somente pelo fato de vocês optarem por não usar pronomes de forma correta, preferindo o uso de El_ em alguns textos, mostra um grande desrespeito gramatical ao nosso idioma. Não sou cliente para vocês... Cordialmente.

Se meu material não está de acordo com sua linha editorial, então creio que sua linha editorial não está de acordo com o meu gosto.

Vocês demoraram mais de um ano para responder que pensei mesmo que não iriam publicar. Não tenho mais interesse em publicar. Também não tenho interesse em receber nada. Não sei o que todo mundo tem contra esse conto que escrevi aos 16. A professora me deu nota baixa porque achou que copieiei de alguém. Já participei de concurso, nunca ganhei. É a mais simples das minhas histórias. Chega a ser infantil, sim, pois criei numa época em que era um menino muito inocente. Depois que vi a maldade humana de perto, escrevi outras histórias mais fortes. O GATO QUE TROCAVA TIRO COM A POLÍCIA é um exemplo. Tenho vários textos. Vários. Mas não quero mais publicar assim. Vocês são injustos comigo. Tratam-me como se eu fosse um nada. Falo de todos os sites literários. Todos. Sempre falam que não vão postar pois não é do interesse.

Sempre e sempre. Vocês do meio literário são injustos comigo. Falo sinceramente. O que vocês querem? Se mando algo simples, pacifista, não gostam. Se mando putaria, não gostam também. Ah, vão se danar. Não mando mais nada mesmo. Nem para vocês, nem para outros sites literários. E a maioria de vocês não pagam. Pensei que tinha sido rejeitado mesmo. Rejeitado? Não querem publicar, postar em site, ótimo. Tinha pedido mesmo para não, acredito que não leram. Mas mesmo assim é chato isso. Muito chato mesmo. Eu que não quero publicar nada de graça ou com pouco dinheiro. Não estou interessado em receber jornal. Tinha mandado um e-mail falando que não queria publicar mesmo. E meu nome não é RENATA. Daniel, você parece ser bem metido, por isso que não quero saber do lixo do seu jornal. Vai tomar no meio do seu cu.

Outubro

Chegou o exemplar prometido do Jornal, e eu achei que os textos seriam melhores...

Oi, queridos! Sobre o jornal que enviaram: infelizmente está com minha ex. Estava morando com ela no Rio de Janeiro, mas a convivência se tornou impossível e retornei pra São Paulo. Algumas semanas depois, o material chegou na casa dela 😞 Achei que chegaria antes de eu viajar, estava com a cabeça tão cheia que nem me lembrei. Ela vai me enviar assim que possível, pois ainda tem um item ou outro meu com ela. Vou tirar um tempo pra ler as atualizações de vocês pelas redes 😊 Muito obrigada pelo carinho e atenção.

Não é trabalho o que vocês recusam, é poesia das boas e, por isso, não se encaixa num jornal habituado a publicar textos clichês. Ele já foi publicado em três revistas, está na coletânea 1001 poetas, além de outros sites literários e modernos, não patrocinados. La**a é um pseudônimo de T*r*z* D*z*i. Precisei esclarecer isso muitas vezes para os sinceros e intelectuais de bengala do Facebook. [em anexo, arte enviada por email pela escritora recusada, conhecida - a arte, não a autora - como "Toulouse-Lautrec defecando na praia em 1898".]

Dezembro

Vejam só, meus caros. Fico pensando se vocês tratam os amigos assim, imagino os inimigos... Recebi esta única, agradecida e gentil mensagem no mesmo dia que fiz o depósito, no entanto, até hoje não recebi nenhuma edição (assim como jamais tive resposta de outros - raros - emails enviados, um deles bastante compreensível pelas circunstâncias de vocês, mas chega uma hora que...). Entences, quero dizer que, sim, recebo o exemplar da

assinatura que fiz ano passado, que vai para outro endereço. Mas desta assinatura, em que ingenuamente quis dar minha parcela de contribuição, para outro endereço (está aqui nas mensagens enviadas anteriormente), jamé! Não tem problema, não faço mais questão. Espero que a minha singela colaboração tenha ajudado em algo. E não se preocupem quando chegar a época de renovação daquela primeira assinatura. Saudações e boa sorte!

Imagina, não há por que pedir desculpa alguma [pela demora na devolutiva]. Achei curioso o parecer recebido, de todo modo agradeço pelo retorno. Quanto ao envio de novos materiais, é improvável que aconteça. Não tenho ânimo para adivinhar a linha editorial das próximas edições.

Queria dizer o mesmo [sobre o Jornal agradecer pelo apoio financeiro da antiga assinante], mas não tive nenhum tipo de resposta quando tentei submeter meus escritos no projeto. Deveras, esperava um retorno qualquer... Quando é pra refazer a assinatura, pessoal responde, me acha, me procura... Agora quando é pra dar um retorno a esse respeito, somem. Fiquei sentida com a discrepância e conformada com o papel exclusivo de leitora. O RelevO é incrível, continuem bombando os papéis!



2023

Maio

Agora o Jornal chegou. Fora o artigo com o Skank, que é a banda que eu mais odeio na face da Terra, a edição parece ótima.

Passe o pix que eu compro, amo. MDS respondi o stories errado! Era pra responder o anterior, do meu amigo pedindo um iPhone no close friends. Desculpa!

Junho

Quanto custa 10 quilos de jornal? É para os meus pets. Não precisa ser jornal do mês.



Julho

Olá, bom dia. Tudo bem? Eu gostaria de fazer uma proposta de entrevista. Os senhores são um jornal literário, eu leio e escrevo textos desde criança, em um mês eu leio até 200 livros. Acredito que essa quantidade de livros e minha história de vida podem proporcionar aos senhores uma boa reportagem. No anexo, mando a lista com os livros que li apenas no mês de maio; abram o arquivo para conferir, por favor. Se quiserem entrar em contato comigo para conversar, é só responder o meu e-mail.



2024

Março



Essa legenda da campanha de Publique das redes sociais me inspirou a voltar escrever pra ver se ganho 60 conto com uma publicação num lugar onde ninguém lê. Sucesso pra vocês!

Abril

Me desculpe, mas não acho que vocês produzem o tipo de conteúdo que eu gosto.

Maio

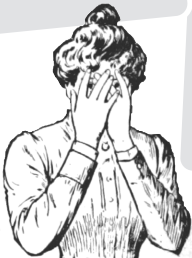
Eu sou nordestina. Ou seja, faço parte das pessoas (região do Brasil) mais odiadas pelos CURitibanos. Talvez vocês não tenham percebido. Estou dizendo isso porque não quero mais apoiar pessoas que nos odeiam. Não tenho interesse em assinar nada da região de vocês, muito obrigada!

Agosto

Poxa, eu gostaria de assinar, mas o Relev0 nunca publicou um escrito meu. Não que isso seja necessário pra eu renovar, pois gosto do conteúdo... É que costumo priorizar os jornais que também gostam da minha literatura.

Setembro

Tomem no CU



Bom dia. Tudo bem por aí? Preciso conhecer melhor o trabalho de vocês, sobretudo qual a posição política que seguem, para pensar em assinar. Porque, com todo o respeito, vindo de Curitiba, me dá um certo receio. Obrigado pela explicação. Assim que eu chegar a uma conclusão, voltamos a conversar. Bom resto de semana.

Novembro

Assinar o Jornal... Quais seriam as minhas vantagens?



2025

Fevereiro

Hahaha o futuro do próprio pensamento é sintético, a cognição artificial já é muito mais do que esse lixo decadente de mundo moderno será capaz de compreender ou utilizar, e certamente não são pequenos escritores infestados de ceticismo mórbido e dados à zombaria que são capazes de enxergar fundo nessas coisas, ou de fazerem algo novo e diferente eles mesmos. É "deprimente", não é mesmo? Não saberia dizer, tenho me sentido bastante jovial e vitorioso em 2025!



Maio

Olá, tudo bem? Imagino que essa mensagem de recusa do meu material seja automática. Gosto muito do trabalho de vocês e agradeço pela resposta. Fiquei pensando se respondia. Mas o fato é que poucas pessoas param para observar as poesias visuais que escrevo como merecem, e por isso não captam o real sentido da sua estrutura. Talvez estejam acostumadas a um tempo diferente do que o pensamento precisa... Duvido que vocês tenham percebido que uma mesma frase do meu poema está escrita literalmente em todas as suas variações, que vão cada vez mais se concentrando. Se vocês percebessem isso, talvez vissem a profundidade

e a radicalidade desse poema. Entendo a escolha editorial e não me preocupo com isso, mas gostaria que esse poema fosse apreciado com mais atenção – não para ser publicado ou nada parecido, mas para compreender o que está em jogo. Infelizmente, hoje em dia, poucos param e realmente pensam no que está acontecendo – até mesmo pela superficialidade contida no próprio espírito dos nossos tempos. Mas mando aí embaixo um parágrafo explicando esse poema. Não gostaria de explicá-lo, mas se mostra necessário pela falta de compreensão. Tenho certeza que vocês, como apreciadores da boa literatura, vão entender do que estou falando.

Já assinei por um ano e não quero exemplar de cortesia para entender vocês melhor. Fora que enviei esses poemas que vocês recusaram em 2024. Afinal, o que vocês procuram? Tenho 300 poemas de todos os tipos, mas mesmo assim obrigada por nada.

O Brasil é realmente um país estranho, problemático e às avessas. As notícias de extrema necessidade para o engajamento social são descartadas, mas se fosse um anúncio de funk ou algo assim apostado que seria manchete. Não me leve a mal. Eu tenho 53 anos de vida literária e sei do que estou falando. No Brasil, o que dá dinheiro é futebol, mulher pelada e corrupção política. Você não vai publicar meu livro porque, com todo respeito, lhe falta culhão. Você faz ideia de quantas desculpas esfarrapadas como essa eu já recebi? Não quero receber nada de vocês. Meu beócio mancebo, você que não tá percebendo a essência da situação. Minha poesia é pesada, melancólica e retrata um Brasil que decerto você não viveu. Já vi que esse jornaleco de quinta categoria não vai me levar a lugar algum e nem essa discussão. Então, vamos encerrar por aqui. Foi um desprazer. Lamentavelmente.



Quando a ficção científica passa do ponto

Já tratamos de ficção científica, diretamente ou indiretamente, muitas – várias! – vezes neste enclave. Resgataremos duas menções específicas, porque elas se unirão.

Como boa parte do planeta, assistimos à nova adaptação de *Duna*, com grande entusiasmo. Relatamos a experiência na **Enclave #101**. Embalado por isso, este editor deu continuidade à leitura da saga, abrindo o *Messias de Duna* (1969) – segundo da série – há muito comprado e esquecido na prateleira.

Agora, uma pausa.

Outra de nossas lembranças da ficção científica – gênero que, vale lembrar, adoramos – consiste nas palavras ácidas do sempre azedo (e ébrio) **Raymond Chandler**, que também adoramos.

Na **Enclave #98**, graças aos estudos de **Bráulio Tavares**, descobrimos o escárnio de Chandler em relação à *sci-fi*. Em uma carta a seu agente literário datada de 1953, o autor criou sua paródia:

Fiz meu checkout com K19 em Adabaran III e atravessei a escotilha de crumalite no meu modelo 22 Sirius Hardtop. Encaixei o timejector em segunda e fui abrindo caminho entre a relva azul de manda. Minha respiração congelou em pretzels cor-de-rosa. Acionei as barras de calor e os Brylls dispararam em cinco pernas usando as outras duas para produzir vibrações de crylon. A pressão era quase insuportável, mas eu detectei a variação no meu computador de pulso através dos cisícitos transparentes. Apertei o gatilho. (...)

Chandler concluiu, incisivo: “Pagam dinheiro vivo por essa porcaria?”

Agora, de volta a *Messias de Duna*, de **Frank Herbert**. Sua missão é difícil, tendo em vista que *Duna* (1965), o precursor, introduz um universo fascinante, pincelando um futuro interplanetário

altamente tecnológico, porém (grosso modo) analógico e feudal. Além disso, o universo contém temáticas de religião, misticismo e substâncias psicotrópicas.

Portanto, muitas peças são necessárias para sustentar essa obra – e não deve ser fácil manter tal equilíbrio, cuja nascente ostenta uma criatividade impressionante. Não é fácil escrever *Duna*, e não seria fácil escrever *Qualquer Coisa de Duna*: Herbert desfilou méritos enormes.

Pois bem, na página 110 (ed. Aleph, 2017) de *Messias de Duna*, lemos o seguinte trecho:

— Eu também trouxe o acessório de pulsossincronização, milorde. — arriscou Korba. Obviamente sentira a tensão cada vez maior entre Paul e Stilgar, e isso o perturbava. Stilgar balançou a cabeça de um lado para o outro. *Pulsossincronização*? Por que Paul queria que ele usasse um vibrossistema mnemônico com um projetor de shigafio? Para que procurar dados específicos nas crônicas? Eu trabalho para os Mentats! (...)

Não dá.

Ninguém consegue ser Nabokov o tempo todo, mas... não dá. Stilgar, eu não sei por que Paul queria que você usasse um vibrossistema mnemônico com um projetor de shigafio. Eu também não consigo me importar, Stilgar.

Seja por miopia, seja por pressa, a caricatura e o personagem se encontraram. Eis aí um trecho doloroso, capaz de romper qualquer catarse.

Para ser justo, não é representativo da obra como um todo, embora, a bem da verdade, também não seja tão isolado. De imediato, fez lembrar a patada de Chandler – ele próprio muito mais preocupado com estilo e caracterização.

Já falei que adoramos ficção científica?



E N C L A V E

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>



Leonardo Meneghini de Oliveira

Mike

Você percebe que existe algo de errado com o seu filho quando ele está com cerca de quatro anos. Você pergunta a ele o que são aquelas marcas em seu braço e ele responde que foi mordido por um coleguinha na escola, mas que não chorou. No dia seguinte, as dentadas já desapareceram, mas a diretora liga assustada, dizendo que as duas crianças voltaram a brigar e que o outro menino corre o risco de ficar cego. Ele fica. Você escuta o relato da professora, seu filho enfiou os polegares nos olhos do coleguinha e os apertou até eles afundarem.

Você muda de escola, depois de cidade.

Você encontra animais mortos pela casa nova e acha que foi o gato. Primeiro, um camundongo, depois um passarinho. Você deixa de achar que é o gato quando encontra o próprio gato morto em cima da sua cama. Ensanguentado. Como se fosse um presente.

Você leva seu filho ao clínico geral, depois ao psicólogo, depois ao psiquiatra. Eles te dizem que seu filho precisa ficar sob vigilância, mas que talvez seja apenas uma fase. Há esperança.

Você começa a deixar de ter esperança na terceira vez em que precisa buscar seu filho na delegacia. Na primeira, é por um furto no mercadinho; na segunda, é por porte de drogas; na terceira, é por uma briga com faca. A faca não era do seu filho, a faca entrou no seu filho. Todos viram. Você não entende por que ele está na delegacia e não no hospital. Dentro do carro, ele levanta a camiseta, orgulhoso: está tudo bem, já sarou. Você não entende, há sangue, há buraco na camiseta, mas onde deveria haver um corte, há apenas uma cicatriz. Você começa a deixar de ter esperança e passa a ter medo.

Você coloca seu filho no grupo de estudos bíblicos, você matricula seu filho na escolinha de futebol, você inscreve seu filho no grupo de voluntariado do colégio. Seu filho começa a parecer mais tranquilo, você fica mais tranquila. Mas, agora sim, é apenas uma fase. Ao mexer na gaveta do seu filho, você encontra dinheiro. Muito dinheiro. Você senta na cama e espera ele voltar do futebol. Ele volta, mas tarde da noite. E não está vestindo o uniforme.

Você o interroga e ele confessa, orgulhoso: juntou a grana vendendo ecstasy pros amigos do

grupo de estudos bíblicos. Ele te diz que não há por que se preocupar, trouxe é quem não usa. E te desafia: se bobear, ele é a pessoa que mais faz dinheiro naquela casa.

Você acerta um tapa na cara do seu filho. Ele sai batendo a porta. Você chora. Chora por dois dias, porque não tem notícias. No terceiro dia, ele reaparece, com a mão cobrindo a orelha esquerda. Você pede pra ver o que aconteceu e descobre que não há orelha. Ele a perdeu em uma briga com outro traficante.

Mais uma vez, ele não chora.

Você corre pro carro e o leva até o hospital, mas, quando chegam lá, ele diz que não vai entrar. Você pergunta se ele está louco e ele te mostra: a orelha esquerda está de volta, intacta. Você fica perplexa, depois brava, depois apavorada. Você dirige pra casa, as mãos tremendo no volante. Você deita, achando que vai finalmente conseguir dormir, mas não dorme.

Você levanta às seis da manhã pra preparar o café e nota que seu filho desapareceu de novo. Você decide esperar até a noite pra chamar a polícia, mas o barulho lá fora te chama antes. Você sai e encontra uma moto caída, um corpo e um capacete. Você entende que não se trata apenas de um capacete quando percebe que o corpo não tem cabeça. Você vê a armadilha: um fio de cerol amarrado entre dois postes. Coisa de gangue, eles sabiam que horas o seu filho passava por ali. Na rua, apenas o silêncio. Você ergue o seu filho e o carrega pra dentro como uma Pietà de Michelangelo e o coloca sobre a cama. Então você senta na cadeira ao lado e espera.

Você derrama água pelo esôfago do seu filho. Você espera. Você insere comida pelo esôfago do seu filho. Você espera. Você segura o pulso do seu filho. Você espera. De tanto esperar, você, por fim, adormece. Já era a terceira noite. Quando o sol entra pela janela, você desperta e, como toda mãe, de forma instintiva, procura pela cria. Seu olhar percorre os pés, as pernas, o quadril, o tronco. Porém, quando chega à cabeça, você não encontra o que imaginava. Ele retribui a mirada com seus olhos de cabra, franze o focinho e arreganha as presas.

— Mamãe.



Cesar de Mello Campos, em *Pela fresta te vi* - Relatos em dois tempos, entrega um livro de contos que oferece ao leitor uma jornada literária de rara profundidade. Estruturado em duas partes que dialogam entre si, o livro traça um painel multifacetado da experiência humana, revelando as vozes íntimas de personagens que oscilam entre a força e a fragilidade, a memória e o esquecimento, o silêncio e a palavra.

Com uma escrita marcada por ritmos fluídos e uma prosa muito autêntica, no entanto, poética, o autor constrói um universo onde o banal se transforma em transcendência, e os detalhes cotidianos tornam-se fragmentos de uma realidade maior.

Se você gosta de livros que retratam a densidade psicológica humana... Este é o livro!

Já à venda na @Amazon:
<https://a.co/d/9CDPAw3>

Para adquirir o livro impresso, envie um e-mail para:
cesardemellocampos@hotmail.com



AMENDOIM

Já viu?
www.jornalrelevo.com



Matheus Florio

especiário: eu e você

Como se precisasse abrir um caramujo ao meio:

olhar até onde vai a carapuça, olhar o tenro cerne passar linhas e pontos escrever o que se escreve observar o que se passa das inervações se percebe onde basta a procura se descobre até mais do que deveria cai em graça serrar uma concha tem o barulho de serrar uma rocha na beira da água do mar o cerco das pedras faz o mundo olha-se por baixo, entre, por cima também é verdade na casa há algo de esconderijo que remonta a antes do oceano inanimado abro-o ao meio como uma ostra a lambar a vida do passado está tudo lá cada ponto e vírgula o passado da vida e o momento de seu resplandecer entranhas em forma líquida passo a língua por todos os órgãos meto-a fundo na carcaça a fim de sentir na ponta até onde vai a classificação do filo Mollusca não basta uma concha inteira funciona dentro do ouvido e cria som continuo

não tenha medo de olhar e ali dentro encontrar você

passe a linha atrás do cerebelo (a língua) e puxe

(puxe)

olhe a cor do líquido e me diga se não são hieróglifos: puxe

corte-o ao meio e lamba dos sulcos o seu próprio

esqueça as letras

todas as outras espécies se encontram no quadro negro pinçadas com alfinetes coloridos as observo uma a uma tentando entender abro um livro escrevo fecho o livro secreto vejo será que vai se mexer?

olhos os olhos: estáticos não há sinal de vida e ainda assim estou aqui

e ao mesmo tempo quanto amor ao ódio preciso voltar para a ponta da língua e tocar um cú com a faca mas não se preocupe é inofensivo de tão leve o ângulo tão viva a carne quando se passa na ponta faz barulho de arranhado um só toque uma lambida brincamos de perigo paro e olho respira em minha face lambe meu ouvido o abro enfio o olho no olho vejo até onde vai corto-o ao meio aliso a carapuça com o carinho do amor horrendo pra ver se desfaz

quando souber qual o bicho será certo:

uma martelada no meio dos olhos

o resto se faz ao fumar sozinho

veja bem não estou dizendo

já soube de muitos bichos que não eram os certos



a estrela do mar tem um olho em cada uma de suas pontas mil pés de altitude no fundo do mar apenas uma boca não fala com a faca na mão

o ouriço do mar tem mil olhos gônadas laranjas e mesmo sem faca não fala com a boca na mão pisa presa prego

os bivalves são interessantes: bivalvia

mas é preciso sair deste filo para sair desta terra para encontrar o que se precisa: pensa-se facilmente que está na mão uma chave de fenda fura-olhos mas se encosta na rocha para tomar um ar na eira do mergulho apoia-se as mãos onde se deve nas rochas milionárias em toda inocência puxa-se o ar e está feito o estrago dentro do filo Crustacea há algo chamado Cirripedia que buracos bonitos todas estas as cracas e os percebes as bucetas e os cúis

a mão no buraco embaixo da água embaixo da rocha dentro da terra tateia olha que vontade de olhar puxar com os quatro dedos das duas mãos o filo abrir e olhar o que é que há aí cuspir ver voltar fechar deixar-fechar deixar-abrir a craca olha e fala o que virou presa dentes presas olhos te devoram com a língua salgada plena de vida Cirripédica e palavras: tentáculo

deixe-me anotar as lonjuras e os centímetros daqui a pouco o desenho por enquanto vejo meço mexo aqui temos um corpo de sempre: uma curva C que se desenvolve sobre uma espiral helicoidal neste caso ainda não temos as medidas da questão e nossos instrumentos serão incapazes de fazê-lo podemos lambar o defunto

mas estes não são percebes? vivos?

o corte foi profundo

CiiiiiiiiirRrRrRrRrrri em quanto se contorce

vulvia: a questão da medida

cefalópode dos pés à cabeça

a cada segundo vou morrer

veios longos tubos elásticos nunca vistos mantém a respiração a um passo em falso um furico um barulho de explosão: e se me estoura?

preciso parar tudo preciso interromper meu trabalho pois uma coisa me chama:

sinto uma dor no peito sinto meus braços e pés tenho uma cabeça olhos atentos

deus é uma mariposa

a cada minuto ao seu lado ouço a batida de seu coração

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



Exposição "A solidão e a escrita: pioneiras", prorrogada até 22/06; Christine de Pizan, Teresa Margarida da Silva e Orta e Carolina Maria de Jesus; livros raros, casa histórica e reflexão.

Contato

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com





cada batida do coração não tem tempo
no espaço

é o infinito de uma arritmia que não
para nunca

ela fala comigo sereno eu a-olho
sinto teu coração

de grandeza às asas: o invisível do corpo
se uma palavra basta quero pegar-lhes
todas com a mão a corrente elétrica que
transpassa cintilante repousa em minha
face entra em minha boca seus pés no
céu da gravidade em contato da menor
das pequenas coisas

quase não se sente: vem e tilinta a carne
some como se amassasse de carícias ou
cutucasse a atenção trazendo à presença
os olhos nos olhos os olhos como pode
enquanto o silêncio emana da superfície
sua risada é gargalhada e ama o oco no
fundo da astúcia

não a vejo com plena certeza que pode
estar bem debaixo de meu nariz

o coração

cada batida um ataque cardíaco

ouço-o: e se para? e se levanta voo

o movimento é contínuo presente pau-
sado: sinto imagens vivas

amor grande para o tempo: nem uma
palavra

fincada na parede pergunto se é como
as outras ou mais

por que parei tão de repente se o cara-
mujo subia a parede do buraco rumo
à claridão e a ostra abria e se fechava
pulando na água como quem brinca
e fala que a mariposa não grita nada
o caramujo deixa rastro nos fósseis do
período Carbonífero e resta a dúvida se
a mariposa já existia e gritava

em quietude pergunto de quem é a
voz que ouvi

(e há quanto tempo?)

se dar voz é dar ouvidos

se faz do labirinto pedra de cristal: con-
contornos moles fluidos (les concombres
périmes) na sombra após o sal o sol pelo
tempo necessário é barulho distante de

tudo: se ouve o vento pedir passagem na
pele: passa se chama a areia de morada:
deixa se há medo no coração: destrói

deseiério: a cabeça é a mar ilusão

há que se haver com isso: :há que se
bater as botas

como quem chega em casa do manguezal
o horizonte não é nada que se mexa
entre as folhas entre os ramos das plantas
para dentro de um arbusto parar e dizer
que não há com risada nenhuma dessas
que possa servir para não se preparar
uma poção mesmo que de folhas secas
ou de troncos retorcidos

mas que tristeza por vezes saber que é
preciso acreditar assim na terra como
no inferno o que faz de mim é uma
astúcia do pensamento e não a chuva
ou o vento aterroriza-me a questão da
questão: acreditar pois se não fizer me
descalço em pedacinhos absurdos em
corrente ao tempo ou aos pregos

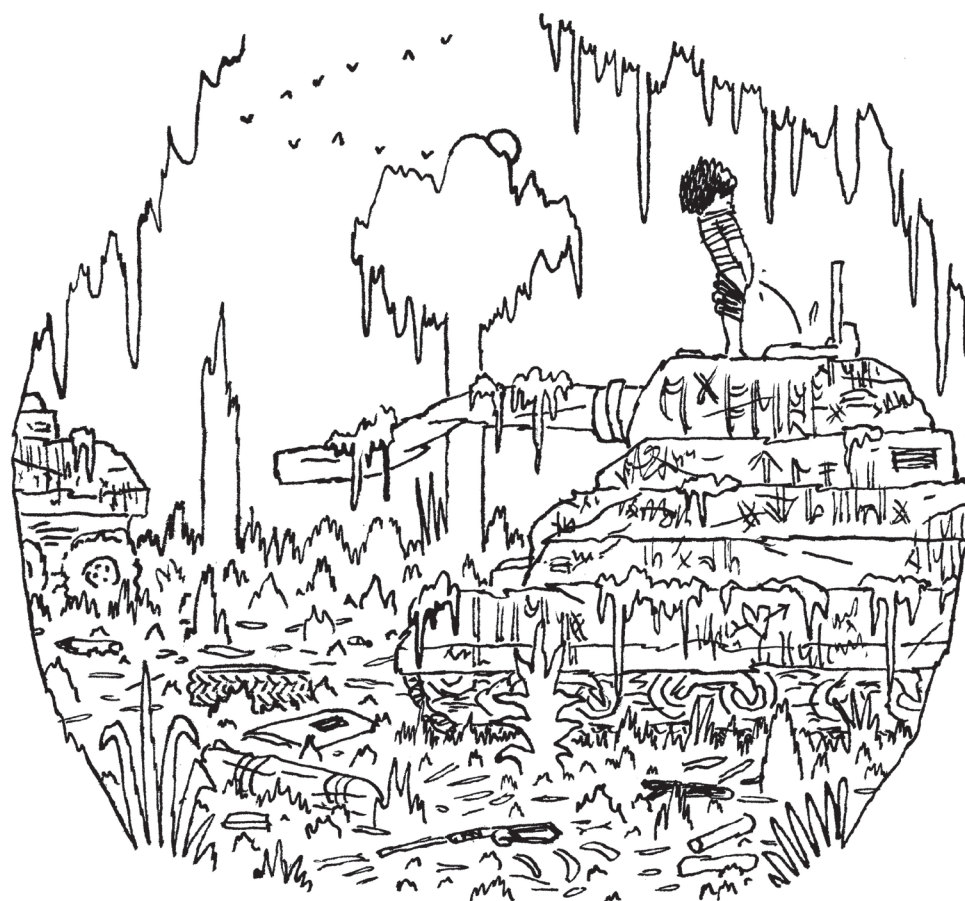
desistir é necessário: esquecer de acreditar
é parar de acreditar

as coisas simples da vida

por um momento a lua no céu o fim
de um dia o frio tudo faz sentido: as
luzes pululantes dos

apartamentos são vagalumes amarelos que
acendem e apagam acendem e apagam
acendem apagam

uma pequena borboleta (ou mariposa)
me cai aos olhos: pego-os com a mão
(apontando para a maldita): observo-a
intensamente lhe os desenhos lhe as
listras olho suas patas e o fundo de
seus olhos para começar a arrancar
um por um de cada vez sua asa direita
sai como uma peça máquina de seu
corpo sua asa esquerda se esfarela em
pólen sobre meu dedo seus pés que
me tocam a ponta dos dedos da mão
no fresco arranco-lhos um a um até
sobrar a larva-olho a arranco-lho o
abdômen puxolhos cabelos por trás das
orelhas como se passasse uma língua
(uma linha) os olhos me olham doces
tranquila e maliciosa que sabe onde
está olha-me por debaixo a mostra
os dentes com um'olhada de lado
um lampejo sereno um coração que
bate um trem atropela um animal no
meio dos trilhos quanta delícia na sua
infância tua cabeça gruda em minhas
pontas e não consigo largar: está em
mim estou em você



“Em **Só vale a pena se houver encanto**, André Giusti nos conduz pelo olhar de Alessandro Romani, um jornalista que, em meio a crises e cortes de verba, vê seu mundo virar de cabeça para baixo. Ao trocar o Rio de Janeiro — tradicionalmente o grande palco do jornalismo — por Brasília, Alessandro se depara com o coração dos eventos que marcaram a última década. É aí, no centro do poder,

cularse.me/sehouverencanto

02



FITOPLÂNCTON

Que tal?

www.jornalrelevo.com



Maria Eugênia



Tornar sacro por mistério

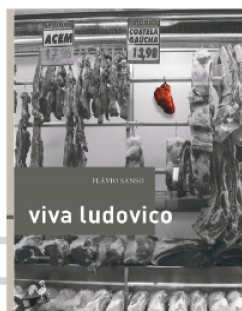
Meu primeiro ano de escola foi marcado por desastre, coisa terrível. O colégio preparou um dia de piscina, boiavam alunos e boias, espaguete e folhas. As crianças eufóricas, bronzeadinhas. De repente, um grito, um desespero, um vômito se espalhando na água e um corpinho. Um corpinho resgatado, mas um corpinho morto. O menino estudava com o meu irmão, lembro muito pouco. Uma escola que perde o filho de alguém na piscina, em horário escolar. O SAMU cruzando o corredor e os pais furiosos. A reunião com advogados presentes, porque é preciso se defender antes mesmo de se desculpar. Os estudantes no pátio, procurando entender e ficando de lado, como fazem as boas crianças. A tragédia mal comunicada é arrastada e devasta tudo, é impressionante. O manejo da escola foi simples, claro, por que não? Um cadeado e um silêncio. Trancar a piscina e não falar sobre, não falar sobre nunca. Tornar o lugar sacro por mistério. Deixar tão inacessível ao ponto de virar lenda. Gerações de estudantes que não pisaram ali, e aquele espaço de acesso proibido. Terrível, mas piora muito, claro, por que não? Disquem os psicanalistas! O colégio, para lidar com as invasões dos estudantes bisbilhoteiros, decidiu que o acesso seria um privilégio daqueles que se formavam no Ensino Médio. Canonizaram a tragédia! Os estudantes ganhando o direito ao mergulho, um batismo perverso. Não me formei nessa escola, então não tive a experiência do acesso à piscina e, de qualquer maneira, mesmo se tivesse tido, acho que não saberia boiar.



Publique no RelevO. Escreva para contato@jornalrelevo.com e nos ajude a te ajudar.



Isabela Orlandi



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse
flaviosanso.com

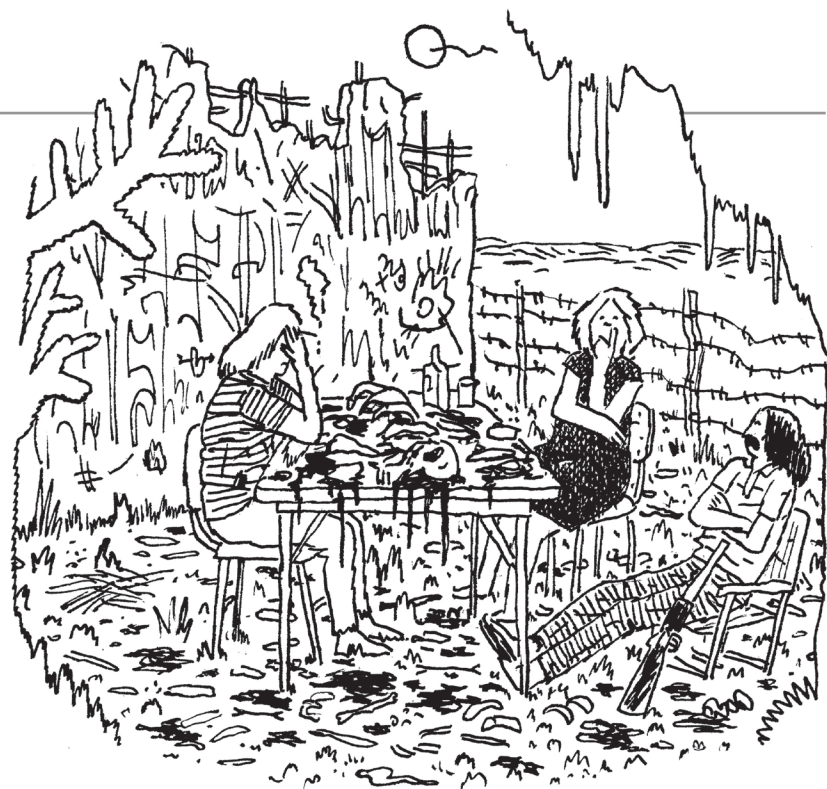
I

teus incestos, Virginia
teu breve pacto com a vida
as tuas passagens em meu tempo
de rocha. Virginia, transmuta-te
lama pelo corpo que anseia
queima tua face
no líquido marrom espesso
bebe, Virginia, do cálice
em que me ofereço viva
à tua língua

sentes a fome, Virginia?
os ossos finos da minha mão
sobre a fonte que te eterniza

II

você chegou de unhas vermelhas sapatos brancos
cabelos trançados
querendo apagar incêndios
aqui tem um furo na parede, Ariadne
baixinho falou
você chegou de muito longe e entrou
violenta arrastando três contas de um amor passado
entre, querida, neste nefasto vão, Ariadne
te autorizou
devidamente autorizada lambuzei suas coxas
com o cheiro grudento da carne dos dedos
que puseram a mesa sem charme
ah, que vontade de morrer!
olha que qualquer vento não é tempestade, você bem teria escrito
no vapor do box do banheiro, caso eu tivesse te confessado
preferi te recortar e passar glitter azul
na cara dos santos depois colar
um por um no velame como fungos
que ali se alojam e decompõem
a sua matéria orgânica, Ariadne
e depois, antes de dormir, absorvi
todos os seus fluidos, seus olhos, seus furos
desperte logo os seus instintos montada no meu cavalo
morto que pintou suas unhas de vermelho
desperte logo, Ariadne
que a face do amor é dupla e arde



III

como pesa: stela e eu
andando como mutantes pelo
[corredor da casa
tocando nossas pernas, a parte interna
lendo de forma brutal um poema
[qualquer
esquecendo que já compramos cigarros
como pesa stela e eu:
como se os pesadelos e o mar não
[existissem

são perecíveis todas as coisas exceto os
[olhares
alerta
prelude in c sharp minor
paixão
cuidado com o olhar que te posiciona
[no espaço
vertigem
j'ai mis fin à l'acte sexuel
amanhece
antes stela não visse a parte interna
[das minhas pernas

disfarce
a sua fome
desvie
se afogue
escolha o peso

Pontos de distribuição do Jornal RelevO

Alagoas
MACEIÓ Livraria Novo Jardim
Amazonas
MANAUS Kalena Café O Alienígena Espaço Cultural Sebo Édipoeira
Bahia
ILHÉUS Badauê Livros, Discos e Café SALVADOR Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS) Livraria Escariz
Ceará
FORTALEZA Rede Jangada Literária Reboot Comic Store
Distrito Federal
BRASÍLIA Los Baristas Casa de Cafés Quanto Café
Espírito Santo
DORES DO RIO PRETO A Cafeteria
Goiás
GOIÂNIA Livraria Palavrear
Maranhão
SÃO LUÍS Rede Ilha Literária
Mato Grosso
CUIABÁ Raro Ruido Tcha por Discos - Vinyl Store
Mato Grosso do Sul
CAMPO GRANDE Banca Modular DOURADOS Livraria Canto das Letras
Minas Gerais
BELO HORIZONTE Café CentoeQuatro Editora UFMG Livraria da Rua Livraria do Belas Livraria Dona Clara Livraria Jenipapo BH Livraria Outlet de Livro Quixote Livraria e Café CÁSSIA Livraria da Praça ITAJUBÁ Lume Livraria Sebo da Cris JUIZ DE FORA Banca Vera POÇOS DE CALDAS Sebo Travessa Cultural POUSO ALEGRE Sebo Santa Sofia SABARÁ Sou de Minas, Uai SÃO JOÃO DEL REI Livraria Café Itatiaia UBERABA Lemos & Cruz Livraria UBERLÂNDIA Domus Brasilis Livraria Samsara Espaço Esotérico
Pará
BELÉM Rede Amazônia Literária
Paraíba
JOÃO PESSOA Abó Botânica e Café

Pernambuco
RECIFE Borsoi Café Café Celeste Casa Mendez Livraria da Praça Livraria do Jardim Livraria Pó de Estrelas Releitura GRAVATÁ Casa Mendez
Paraná
ARAUCÁRIA Boutique Café Casa Eliseu Voronkoff Fisk Araucária Panificadora El Grano Porão Cavalo Baio GUARAPUAVA A Página Livraria Gato Preto Discos e Livros LONDRINA Nosso Sebo Olga A Livraria da Cidade PATO BRANCO Alexandria Livraria e Cafeteria PINHAIS Estação Curitiba Café Livraria e Cafeteria Café com Letras PONTA GROSSA Cripto Cultural Phono Pub Sebo Espaço Cultural 1 Sebo Espaço Cultural 2 Verbo Livraria RIO NEGRO Sabiá Discos SÃO JOSÉ DOS PINHAIS Sebo da Visconde COLOMBO Livraria e Papelaria Colombo CURITIBA Agendarte Livros Ah! Cafeteria Arcádia Sebo & Café Baba Salim Bardo Tatara Bar Otelo Ben Café Biblioteca Pública do Paraná Botanique Oásis Café & Confeitaria Avenida Café 217 Café Demoiselle Ana Rita Café do Canto Café Degusto Café do Espaço Café do Mercado Café do Van Gogh Café do Viajante Café du Centre Café e Livraria Solar do Rosário Café Fazenda Rancho Floram Café Lisboa Café Per Tutti Casa das Bolachas Chelsea Burgers & Shakes Coffeeterie Colégio Medianeira Dalat Café Empório Kaveh Kanes Fabrika Pães & Café Faraoh Records Fingen Café Fubá Café Fundação Cultural de Curitiba COMUNICAÇÃO Gerência Faróis do Saber Giardino Café & Cappuccinaria Go Coffee Grân's Café Inked Café Itiban Comics Shop Janaíno Vegan Bar Joaquim Livraria La Belle Époque Le Caffes Especiais



Paraná (cont.)
Livraria Arte & Letra Livraria da Vila Livraria Vertov Lucca Cafés Especiais Lupita Bistrô Bar Mabu Hotel Madí Cafeteria e Empório Maitê Livros Mamãe Urso Café Manifesto Café MediaLuna Café Novo Café do Teatro Ópera Garden Café Passeio Café e Arte Provence Boulangerie Rituais Casa de Café Sebinho FATO Agenda Sebo Kapricho Comendador Sebo Kapricho Marechal Sebo Kapricho Praça Osório Sebo Releituras Centro Sebo Releituras Portão Sebo Santos SESC Paço da Liberdade Teatro Guaíra Comunicação Telaranha Livraria e Café Terra Café & Bistrô Universidade Positivo Santos Andrade Tijolo CWB Utopia Tropical Chocolates
Piauí
TERESINA Café Quatro Estações
Rio Grande do Norte
NATAL Sebo Cata Livros Sebo Rio Branco
Rio Grande do Sul
BENTO GONÇALVES Dom Quixote Livraria e Cafeteria Paparazzi Livraria CANELA Empório Canela CAXIAS DO SUL DO Arco da Velha Livraria & Café GRAMADO Mania de Ler Bookstore PORTO ALEGRE Café & Galeria Devora CirKula Editora, Livraria e Café Livraria Clareira Macun Livraria e Café Rede Beabah Ventura Livros SANTA MARIA Livraria e Grife UFSM

Rio de Janeiro
CABO FRIO Sebo do Lanati DUQUE DE CAXIAS Tecendo uma Rede de Leitura Associação Pró-Melhoramento MACAÉ Sebo Cultural Livraria & Cafeteria NOVA FRIBURGO Dona Emília Books Jenipapo Livraria NOVA IGUAÇU Baixada Literária - Biblioteca Comunitária Judith Lacaz PARATY Livraria das Marés Livraria Muvuca Mar de Leitores RIO DE JANEIRO Biblioteca Marginow Blooks Livraria Capitu Café Casa 11 Sebo e Livraria Letra Viva Café e Histórias Livraria Berinjela Livraria e Edições Folha Seca Pequeno Lab TRÊS RIOS Livraria Favorita VOLTA REDONDA Livraria Flamingo Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping
Roraima
BOA VISTA Cafeteria Barracão do Poeta Flying Fox Café CACOAL Nostalgia Sebo e Livraria
Santa Catarina
BALNEÁRIO CAMBORIÚ Cápsula Livraria BLUMENAU Rocinante Sebo CAÇADOR Livraria Selva Literária CHAPECÓ Humana Sebo & Livraria CRICIÚMA Sebo Alternativo FLORIANÓPOLIS O Barbeiro e O Poeta Sebo Ivete JOINVILLE Casa 97 Salvador Vegan Café, Livros e Discos LAGES Livraria Sebo Marechal LAGUNA Livraria Coruja Buraqueira PORTO UNIÃO Porto Presentes Papelaria SÃO BENTO DO SUL Dom Quixote Livros TUBARÃO Consulato Livraria

São Paulo
ARARAQUARA Livraria Murad Sebo CAMPOS DO JORDÃO História sem Fim CAMPINAS Iluminações Livraria Livraria Candeeiro Pangeia Editorial Sebo Porão Sebo Contracultura Sebo das Andorinhas COTIA Livraria 3x4 FRANCA Almanaque Livraria e Sebo GUARULHOS Guarulivos ITATIBA Livraria Toque de Letras ITUPEVA Livraria e Sebo Pedras Preciosas JUNDIAÍ Livraria Leitura MOGI-MIRIM Banca do Sardinha PIRACICABA Sebo do Formiga RIBEIRÃO PRETO Livraria da Travessa Ribeirão SANTOS Realejo Livros SANTO ANTÔNIO DO PINHAL Livraria Mantiqueira SÃO CARLOS Livraria EDUFSCAR SÃO JOSÉ DO RIO PRETO Livraria Casa Nynho SÃO JOSÉ DOS CAMPOS Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente Livraria Planalto SÃO PAULO A Banca de Livros Banca Tatuí Bar Balcão Bibla Café no Jardim 53 Casa Brasilis Circulo Livraria Coffee Lab Comix Book Shop LiteraSampa - IBEAC Livraria Bandolim Livraria Cabeceira Livraria Caraibas Livraria da Tarde Livraria do Espaço Livraria Insulto Livraria Lovely House Livraria Na Nuvem Livraria NoveSete Livraria Ponta de Lança Livraria Sebo Tucambira Livraria Sentimento do Mundo Livraria Simples Livraria UNESP Livraria Zaccara Museu do Livro Esquecido N'alma Café O Café da Ponta O Cão Engarrafado Patuá Discos Patuscada Livraria, Bar & Café Sabiá Discos Sebinho da Helô Sebo Alternativa Sebo Desculpe A Poeira Sebo Pura Poesia sobinfluência UGRA PRESS VINHEDO Sebo Vinhedo
Sergipe
ARACAJU Livraria Escariz
Tocantins
PALMAS Sebo da Vovó
Achou?
Que tal se tornar um distribuidor do Jornal RelevO aí na sua cidade? Fale conosco: contato@jornalrelevo.com

Cruz e Souza

Acrobata da Dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
agita os guizos, e convulsionado
Salta, gavroche, salta clown, varado
pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! Retesa os músculos, retesa
nessas macabras piruetas d' aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,
afogado em teu sangue estuoso e quente,
ri! Coração, tristíssimo palhaço.

